

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS  
CENTRO DE CIÊNCIAS DA NATUREZA  
CAMPUS LAGOA DO SINO  
ADMINISTRAÇÃO COM ÊNFASE EM SISTEMAS AGROINDUSTRIAIS

João Pedro Lopes Linard

**A ENCHENTE DE 2024 E O GOVERNO NEOLIBERAL DE EDUARDO LEITE:  
UMA ANÁLISE DISCURSIVA DE CHARGES BRASILEIRAS**

Buri – SP

2025

JOÃO PEDRO LOPES LINARD

**A ENCHENTE DE 2024 E O GOVERNO NEOLIBERAL DE EDUARDO LEITE:  
UMA ANÁLISE DISCURSIVA DE CHARGES BRASILEIRAS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Administração com ênfase em Sistemas Agroindustriais da Universidade Federal de São Carlos, campus Lagoa do Sino.

Orientadora: Profa. Dra. Ilka de Oliveira Mota

Buri – SP  
2025

Lopes Linard, João Pedro

A enchente de 2024 e o governo neoliberal de Eduardo Leite : uma análise discursiva de charges brasileiras / João Pedro Lopes Linard -- 2025.  
70f.

TCC (Graduação) - Universidade Federal de São Carlos,  
campus Lagoa do Sino, Buri

Orientador (a): Ilka de Oliveira Mota

Banca Examinadora: Alice Miguel de Paula Peres,  
Aldenor da Silva Pereira, Ilka de Oliveira Mota

Bibliografia

1. Neoliberalismo. 2. Gestão Pública . 3. Charges . I.  
Lopes Linard, João Pedro. II. Título.

Ficha catalográfica desenvolvida pela Secretaria Geral de Informática  
(SIn)

DADOS FORNECIDOS PELO AUTOR

Bibliotecário responsável: Lissandra Pinhatelli de Britto - CRB/8 7539

João Pedro Lopes Linard

**A ENCHENTE DE 2024 E O GOVERNO NEOLIBERAL DE EDUARDO LEITE:  
UMA ANÁLISE DISCURSIVA DE CHARGES BRASILEIRAS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como exigência parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Administração com linha de formação em Sistemas na Universidade Federal de São Carlos. Buri (SP), 21 de janeiro de 2025.

Orientadora

---

Dra. Ilka de Oliveira Mota

Universidade Federal de São Carlos

Examinadora

---

Dra. Alice Miguel de Paula Peres

Universidade Federal de São Carlos

Examinador

---

Dr. Aldenor da Silva Pereira

Universidade Federal de São Carlos

## **AGRADECIMENTOS**

Gostaria de agradecer e expressar a minha gratidão à minha professora orientadora Ilka de Oliveira Mota, pela paciência infinita, apoio incondicional, confiança e sábia dedicação na orientação ao longo deste trabalho de conclusão de curso.

Sou grato a minha família pelo apoio e, em especial, a minha mãe pela compreensão e ao suporte incondicional ao longo de toda minha jornada acadêmica.

Agradeço aos professores e profissionais que contribuíram com a minha formação.

Aos meus colegas de classe pela amizade, companhia, risos compartilhados e desafios vivenciados ao longo dessa jornada.

Aos queridos professores Aldenor da Silva Pereira e Alice Miguel de Paula Peres por aceitarem prontamente o convite para avaliar esta pesquisa. É uma honra e enorme satisfação tê-los como interlocutores deste trabalho.

Por fim, minha gratidão a todos que, direta ou indiretamente, contribuíram para a realização desta pesquisa. Desejo que esta seja apenas o início de uma jornada repleta de aprendizados e realizações.

## A GRANDE ENCHETE

Cadáveres de Ofélias e cadelas mortas  
virão parar por um instante às nossas portas.

Porém — sempre à mercê dos redemoinhos —  
prosseguirão depois seus incertos caminhos...

Quando a água alcançar as mais altas janelas  
eu pintarei rosas de fogo em nossas faces amarelas.

Que importa o que há de vir? Tudo é poupado aos  
loucos e os loucos tudo se permitem. Vamos!

Espíritos de deuses, sobre as águas pairamos.  
Alguns de nós dizem que apenas somos nuvens...  
Outros, uns poucos,  
dizem que somos nada mais que mortos...

Mas não avisto, lá embaixo, os nossos próprios  
defuntos... E em vão, também, olho em redor...

Onde é que estão vocês,  
amigos, amigas, dos primeiros e dos últimos dias?

É preciso, é preciso, é preciso continuarmos juntos!

E, então, num último, e diluído, e triste pensamento  
eu sinto que o meu grito é só a voz do vento...

(Mario Quintana)

## RESUMO

Apoiada na perspectiva materialista do discurso na interface com estudos sociológicos sobre o neoliberalismo, esta pesquisa consistiu em compreender as representações discursivas das enchentes no Rio Grande do Sul, em 2024, que apareceram e circularam em charges de cartunistas brasileiros. Como objetivos específicos, buscamos: i) Pesquisar e analisar as Condições de Produção (CPs) do discurso, as enchentes no Rio Grande do Sul em 2024, o que inclui a cobertura do acontecimento pela mídia e o funcionamento do neoliberalismo na economia; ii) Analisar a formulação visual e/ou verbo visual das charges, remetendo seus sentidos às CPs; iii) Discutir a relação das charges com a interpretação hegemônica da mídia burguesa brasileira sobre o acontecimento; iv) Analisar como o governador Eduardo Leite é representado e, finalmente, v) Identificar os processos discursivos e históricos com os quais as charges se relacionam, mostrando como se dá essa relação. Nosso corpus analítico foi constituído de três charges de cada um dos cartunistas, quais sejam: Carlos Latuff, Jota Camelo e Nando Motta, totalizando nove charges. Trabalhamos com a hipótese de que as charges que compõem o corpus é a materialização de posições político-ideológicas aos quais os chargistas estão filiados ideologicamente, contrariando a interpretação hegemônica que circulou na mídia burguesa brasileira no período em questão, a saber: de que se tratava de um mero acidente climático, apagando as questões políticas e econômicas. Nesta interpretação, ficam apagadas as responsabilidades de gestores públicos que têm adotado uma agenda econômica neoliberal inconsequente. A análise das charges mostrou que, enquanto Jota Camelo se concentra nas causas do problema que geraram a enchente, isto é, na crítica à economia política neoliberal que produziu o desastre e seus efeitos, Carlos Latuff, por sua vez, foca nas consequências do acontecimento. Por outro lado, exceção de uma, as duas outras charges de Nando Motta se assentam num discurso que se dá no movimento de sentidos entre denúncia e lamento, resultando no apagamento da questão política e econômica que está na base do acontecimento ‘enchente’.

**Palavras-chave:** Neoliberalismo; Gestão Pública; Eduardo Leite; Charges.

## ABSTRACT

Supported by the materialist perspective of discourse at the interface with sociological studies on neoliberalism, this research consisted of understanding the discursive representations of the floods in Rio Grande do Sul, in 2024, which appeared and circulated in cartoons by Brazilian cartoonists. As specific objectives, we seek: i) Research and analyze the Production Conditions (PCs) of the speech, the floods in Rio Grande do Sul in 2024, which includes coverage of the event by the media on the internet and the functioning of neoliberalism in the economy; ii) Analyze the visual and/or verbal-visual formulation of the cartoons, referring their meanings to the CPs; iii) Discuss the relationship between the cartoons and the Brazilian bourgeois media's hegemonic interpretation of the event; iv) Analyze how governor Eduardo Leite is represented and, finally, v) Identify the discursive and historical processes with which the cartoons are related, showing how this relationship occurs. Our analytical corpus consisted of three cartoons by each of the cartoonists, namely: Carlos Latuff, Jota Camelo and Nando Motta. We work with the hypothesis that the cartoons that make up the corpus are the materialization of political-ideological positions to which the cartoonists are ideologically affiliated, contradicting the hegemonic interpretation that circulated in the Brazilian bourgeois media in the period in question, namely: what it was about of a mere climatic accident, disregarding the political and economic issues. In this interpretation, the responsibilities of public managers who have adopted an inconsequential neoliberal agenda are erased. The analysis of the cartoons showed that, while Jota Camelo focuses on the causes of the problem that generated the flood, that is, on criticizing the neoliberal political economy that produced the disaster and its effects, Carlos Latuff, in turn, focuses on the consequences of the event. On the other hand, except for one, the two other cartoons by Nando Motta are based on a discourse that takes places in the movement of meanings between denunciation and lament, resulting in the erasure of the political and economic issue that is the basis of the 'flood' event.

**Key-words:** Neoliberalism; Public Administration; Eduardo Leite; Cartoons.

## LISTA DE FIGURAS - CHARGES

Figura 1: Charge 1 “RS”:	p. 45
Figura 2: Charge 2 “A grande onda climática”:	p. 47
Figura 3: Charge 3: “O povão, os bancos”:	p. 49
Figura 4: Charge 4: “Governo decorativo”:	p. 50
Figura 5: Charge 5: “Leite neoliberal, é tomar e passar mal”:	p. 51
Figura 6: Charge 6: “Agenda pra hoje”:	p. 53
Figura 7: Charge 7: “Máximo e mínimo”:	p. 54
Figura 8: Charge 8: “Doem, porque aqui dói...”:	p. 55
Figura 9: Charge 9: “Tristeza...”:	p. 56

## **LISTA DE ABREVIATURAS**

APP: Áreas de Prevenção Permanente

IBGE: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IDH: Índice de Desenvolvimento Humano

IPEA: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada

MDB: Movimento Democrático Brasileiro

RS: Rio Grande do Sul

PIB: Produto Interno Bruto

UFRGS: Universidade Federal do Rio Grande do Sul

PSDB: Partido da Social Democracia Brasileira

UNICAMP: Universidade Estadual de Campinas

DRHS: Departamento de Gestão de Recursos Hídricos

SEMA: Secretaria de Estado de Meio Ambiente e Recursos Naturais

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	p. 12
1. OS POSTULADOS DO NEOLIBERALISMO .....	p. 18
2. ESTADO, GOVERNO E GESTÃO PÚBLICA.....	p. 26
2.1 O ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL.....	p. 26
2.2 O GOVERNO DE EDUARDO LEITE E SUA GESTÃO.....	p. 29
2.3 O RIO GRANDE DO SUL E AS ENCHENTES.....	p. 31
3. O APARATO TEÓRICO DA ANÁLISE DE DISCURSO E AS CHARGES....	p. 38
3.1 OS PRINCÍPIOS DA ANÁLISE DE DISCURSO .....	p. 38
3.2 O GÊNERO CHARGE E SUAS ESPECIFICIDADES.....	p. 40
4. ANÁLISE DISCURSIVA DAS CHARGES .....	p. 44
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	p. 59
REFERÊNCIAS.....	p. 61
ANEXOS .....	p. 66

## INTRODUÇÃO

*Eu choro. Choro antes por dentro.  
As inundações submergem meus órgãos, sobem à  
superfície e sinto o transbordar de mim.*  
Webert Gomes

Questões referentes aos desabrigados por desastres ambientais, como é o caso das enchentes no Rio Grande do Sul, sempre estiveram no centro de nossas preocupações. Por sua vez, o tema do neoliberalismo na esfera da gestão pública começou a chamar a nossa atenção desde o primeiro ano de graduação no curso de Administração da UFSCar, campus Lagoa do Sino, e continua sendo nosso maior interesse no campo dos estudos científicos no âmbito das Ciências Humanas e Sociais.

A pesquisa que ora apresentamos inscreve-se na perspectiva materialista do discurso de linha de Michel Pêcheux (França) e Eni Orlandi (Brasil, UNICAMP) na interface com estudos sobre o neoliberalismo, mais exatamente as reflexões produzidas por Thomas Piketty, David Harvey e Naomi Klein.

De um modo geral, pode-se afirmar que o neoliberalismo é uma corrente econômica e política que surgiu na segunda metade do século XX, a partir de uma crítica ao modelo de Estado, de bem-estar e à intervenção estatal na economia, prevalente em muitas economias desenvolvidas após a Segunda Guerra Mundial. De modo sintético, pode-se dizer que o neoliberalismo defende a redução da participação do Estado na economia e a promoção de políticas que favoreçam o livre mercado.

Com o livre mercado e a menor intervenção estatal, o neoliberalismo defende uma economia baseada na competição livre, onde o papel do Estado deve ser minimizado. A ideia central é que o mercado, por meio das forças de oferta e demanda, é mais eficiente na alocação de recursos do que na intervenção do governo, o que implica reduzir impostos, desregulamentar setores econômicos e privatizar setores estatais.

Sua característica marcante é a defesa da privatização de empresas públicas a partir da propagação da ideia enganosa de que a gestão privada é mais eficiente do que a estatal e de que pode levar à redução do déficit público e ao aumento da competitividade na esfera da economia.

Acrescente-se, como veremos ao longo do desenvolvimento deste trabalho, o neoliberalismo propõe a diminuição das regulamentações que limitam a atuação das empresas no mercado, o que inclui a redução de regras trabalhistas, ambientais e de segurança, com o argumento de que tal medida estimula a inovação e o crescimento econômico. Na verdade, a

austeridade fiscal, outro braço forte do neoliberalismo, implica na adoção de políticas fiscais rigorosas que se traduzem em cortes de programas sociais, ambientais e de investimentos públicos.

O Capitalismo de Desastre (Klein, 2008), que será desenvolvido ao longo deste trabalho, é um termo utilizado para descrever uma prática econômica a partir da qual grandes corporações, atores privados, governos aproveitam-se de catástrofes, crises e/ou situações emergenciais para obter lucros. Em síntese, tal conceito está relacionado à exploração de desastres ambientais, pandemias, conflitos bélicos e outras situações de vulnerabilidade social para promover a privatização de serviços, debilitar as regulamentações públicas e/ou instituir medidas que beneficiam os capitalistas de desastre, ao passo que aumentam e aprofundam as desigualdades sociais.

Em maio de 2024, os gaúchos vivenciaram uma tragédia, talvez a maior da história do estado do Rio Grande do Sul. Trata-se das inundações que acometeram algumas cidades do estado, como Porto Alegre e Canoas principalmente. Conforme dados emitidos pela Defesa Civil Estadual, em meados de 27 de maio, pelo menos 469 municípios e 2.345.400 pessoas foram afetadas pelas enchentes, resultando no desalojamento de mais de 580 mil e causando 169 mortes, sem contar com 56 pessoas desaparecidas e mais de 55 mil desabrigadas.

Neste trabalho, defendemos que essa tragédia está intimamente relacionada com a política econômica do governo de Eduardo Leite e das prefeituras do estado do Rio Grande do Sul. Trata-se de uma política anti-ambiental que segue a mesma lógica neoliberal do governo Sartori (MDB) de Estado Mínimo. Como graduando do curso de Administração, essa tragédia anunciada nos colocou diante de uma questão: qual o papel do Estado, de sua gestão, na prevenção e no enfrentamento às inundações? Essa preocupação nos motivou à criação da presente pesquisa.

Inscrita na Análise de Discurso Materialista (AD doravante) na interface com estudos sociológicos sobre o neoliberalismo, esta pesquisa teve como objetivo geral compreender as representações discursivas das enchentes no Rio Grande do Sul, em 2024, que apareceram e circularam em charges de três cartunistas brasileiros. O pressuposto que sustenta esta pesquisa é que as charges funcionam no sentido de não somente denunciar a política do governador do Estado do Rio Grande do Sul, Eduardo Leite e dos prefeitos das cidades gaúchas, que tem adotado uma agenda neoliberal em sua gestão, mas fundamental constrói um arquivo, permitindo uma interpretação outra diferente da veiculada pela mídia hegemônica, *mainstream*. Partindo desse pressuposto, formulamos a hipótese de que as charges que compõem o nosso corpus é a materialização de posições político-ideológicas aos quais chargistas estão filiados

ideologicamente, contrariando a interpretação hegemônica que circulou na mídia burguesa brasileira no período em questão, qual seja: de que se tratava de um mero acidente climático, bem ao gosto do discurso criado por países imperialistas como os Estados Unidos da América, que usa a agenda climática para barrar o desenvolvimento dos países subdesenvolvidos<sup>1</sup>. Nesta interpretação, ficam apagadas as responsabilidades de gestores públicos e a adoção de uma agenda neoliberal inconsequente e perversa que somente beneficia os capitalistas de desastre (Klein, 2008)<sup>2</sup>.

Com base no objetivo geral esboçado, formulamos os seguintes objetivos específicos que orientaram este trabalho, a saber:

- i) Pesquisar e analisar as Condições de Produção (CPs doravante) do discurso, o modo de funcionamento do neoliberalismo na gestão pública, as enchentes no Rio Grande do Sul em 2024, o que inclui a cobertura do acontecimento pela mídia;
- ii) Analisar a formulação visual e/ou verbo visual das charges, remetendo seus sentidos às CPs;
- iii) Discutir a relação das charges com a interpretação hegemônica da mídia burguesa brasileira sobre o acontecimento;
- iv) Analisar como o governador Eduardo Leite é representado;
- v) Identificar os processos discursivos e históricos com os quais as charges se relacionam, mostrando como se dá essa relação<sup>3</sup>.

Quanto à metodologia, a presente pesquisa foi construída a partir de uma investigação interpretativista, que é compreendida pelo fato de que “o pesquisador interpreta os dados, põe ênfase no processo e se preocupa com o particular, o contingente”. (Coracini, 2003, p. 254). Do ponto de vista do discurso, não há sentido sem interpretação, uma vez que, diante de um objeto simbólico, o sujeito de linguagem é levado a interpretar (Orlandi, 1999). Isso se dá porque o sujeito se submete à língua(gem) em um movimento sócio historicamente situado. Por

---

<sup>1</sup> O fato de o discurso das ‘mudanças climáticas’ e/ou do ‘aquecimento global’ ser produzido e difundido por países ricos, isto é, **os que mais destruíram e ainda destroem o meio ambiente para se (super) desenvolver e lucrar**, é contraditório e mostra que ele tem de ser analisado com muita parcimônia e crítica contundente (Felício, 2014). Lembremos a ideia fundamental em *Ideologia Alemã* em que Marx afirma “as ideias da classe dominante são, em cada época, as ideias dominantes” aplicadas a todas as classes sociais a serviço dos interesses da classe dominante. Voltaremos a essa questão mais adiante.

<sup>2</sup> Ao longo do primeiro capítulo, discutiremos sobre em que consiste o capitalismo de desastre, tal como é proposto por Naomi Klein (2007).

<sup>3</sup> Para isso, valer-nos-emos de charges de autoria de chargistas brasileiros produzidas no aludido período e que circularam nas redes sociais como *Instagram*, *Facebook*, *Twitter* (atual X) e *Telegram*. Voltaremos a essa questão.

outro lado, o pesquisador, a partir de seu aparato teórico, faz um gesto que se distingue do gesto ordinário do sujeito que tem em sua base o efeito do apagamento da exterioridade, com a ilusão do sentido-já-lá, de sua evidência. Assim sendo, ao procurar compreender como os sentidos são produzidos, o pesquisador está, ao mesmo tempo, recusando a ilusão da evidência dos sentidos e dos sujeitos, levando em conta, entre outros, os gestos de interpretação, a alteridade, o sentido outro, a historicidade. Em síntese, interpretar, para o analista de discurso, não é simplesmente atribuir sentidos, mas expor-se à opacidade do texto (Pêcheux, 1990).

Levando em consideração que o presente trabalho se constitui em gestos de interpretação, faz-se necessária a mobilização de um dispositivo de análise que se distinga do gesto de interpretação do sujeito comum, ou seja, tomado pela evidência dos sentidos. Tal dispositivo deve considerar, entre outras coisas: a) a explicitação dos gestos de interpretação que se ligam aos processos de identificação ideológica do sujeito; b) explicitação de suas filiações de sentido; c) compreensão da linguagem em sua opacidade<sup>4</sup>; d) relação do(s) sentido(s) com a exterioridade (isto é, com o contexto sócio-histórico e ideológico) e, por fim, e) associação do dito ao não dito (aquilo que não é dito também significa).

Em AD, a interpretação aparece em dois momentos da análise, momentos que não devem ser concebidos separadamente, mas em um jogo de relações. Primeiramente, a interpretação faz parte do objeto de análise, como já sinalizamos, isto é, sempre interpretamos, afinal estamos inscritos em um universo simbólico. Procuraremos descrever esse gesto de interpretação que constitui o processo de significação. Por sua vez, no segundo momento, compreendemos que não há descrição sem interpretação, o que resulta na necessidade de se adotar um dispositivo teórico que possa intervir na relação do pesquisador com os objetos simbólicos que analisa, produzindo um deslocamento em sua relação de sujeito com a interpretação: esse deslocamento permitirá que ele trabalhe no entremeio da descrição com a interpretação (Orlandi, 1999). Metodologicamente, os discursos que compõem o corpus serão lidos, analisados, não em sua origem nem neutralidade, mas “no jogo de sua instância” (Foucault, 1972, p. 28 31). A característica do dispositivo é permitir que o analista de discurso trabalhe não em uma posição neutra, mas relativizada em face da interpretação: é preciso o atravessamento do efeito de transparência da linguagem, da literalidade do sentido e da onipotência do sujeito. Esperamos que o dispositivo permita que se atue na opacidade da

---

<sup>4</sup> Neste item consideramos que a linguagem não é neutra, mas, isto sim, opaca.

linguagem, no decentramento do sujeito<sup>5</sup> e no efeito metafórico, ou seja, no equívoco e na materialidade.

Tendo como base esses pontos em consideração, descreveremos, a seguir, o corpus de nossa pesquisa. Nosso corpus é constituído de charges de autoria de cartunistas brasileiros que circularam em canais abertos da mídia digital brasileira sobre o tema das enchentes no Rio Grande do Sul, no ano de 2024. A opção por charges justifica-se pelo fato de serem um espaço heterogêneo por excelência – trata-se de uma materialidade verbo-visual –, direcionado a um número expressivo de usuários. Analisar a natureza dos discursos que as atravessam revela-se imprescindível para compreender o modo de representação do acontecimento das enchentes no Rio Grande do Sul e do governo de Eduardo Leite e discutir seus efeitos de sentido no fio do discurso.

Para situar o leitor, descrevemos como esta pesquisa está organizada. Dividimo-la em quatro capítulos. Após esta Introdução, no primeiro capítulo, trouxemos para a consideração os postulados do neoliberalismo, focando em seus efeitos na esfera econômica e ambiental, fundamentalmente na gestão pública. O segundo capítulo está dividido em três partes. Na primeira, apresentamos as principais características geográficas do Estado do Rio Grande do Sul, onde procuramos trazer as suas peculiaridades geográficas e econômicas; na segunda, discutimos sobre o Governo de Eduardo Leite e sua gestão, evidenciando a sua agenda sobre o meio-ambiente e, finalmente, na terceira, fizemos um histórico sobre as enchentes ocorridas no Estado, focando na enchente de 2024. No terceiro capítulo, fizemos uma síntese sobre o aparato teórico da Análise de Discurso adotado e, num segundo momento, levantamos as propriedades do discurso chargístico, atentando para as suas especificidades discursivas. A análise do corpus é apresentada no quarto capítulo, onde procuramos mostrar, por meio de um movimento analítico das charges selecionadas, as representações construídas sobre a enchente de 2024 e a gestão do governo de Eduardo Leite, observando seus efeitos de sentido no fio do discurso. Neste mesmo capítulo, procuramos compreender o funcionamento discursivo de cada uma das charges que compõem o corpus analítico, bem como discutir as semelhanças e diferenças entre elas no que diz respeito às representações da enchente de 2024 e do papel do governo estadual na questão das enchentes. Na sequência, apresentamos as considerações finais da pesquisa, quando procuramos recapitular e discutir o funcionamento das charges em análise e seus efeitos de sentido. Depois, estão as referências bibliográficas.

---

<sup>5</sup> Com a descoberta de Freud em 1900, o sujeito é concebido como aquele que tem um inconsciente, o que o torna descentrado, ou seja, ele não é centro de si, não domina totalmente os sentidos que produz. Por isso, é possível notar contradições nos sujeitos de linguagem, em seus discursos.

Esperamos que este trabalho possa contribuir, de alguma forma, com os estudos sobre as charges no contexto da economia política neoliberal e seus efeitos na esfera social e ambiental.

## 1. OS POSTULADOS DO NEOLIBERALISMO

“A geografia é importante demais para ser deixada apenas aos geógrafos. Mas mais ainda para ser deixada a cargo de militares, políticos e empresários.”  
David Harvey

Neste capítulo, o objetivo é trazer para a consideração os aspectos fundantes do neoliberalismo. Para isso, vamos nos apoiar em três autores: David Harvey, Tomas Piketty, Naomi Klein, entre outros. Esta última autora trabalha com a noção de capitalismo de desastre (Doutrina de Choque na economia), nosso maior interesse nesta pesquisa. Por isso, ao longo deste capítulo, iremos trazer as suas principais reflexões, dando ênfase ao modo como o capitalismo de desastre se constitui na sociedade atual, cuja formação social é a capitalista, neoliberal.

Reiterando o que afirmamos na Introdução, pode-se dizer que o neoliberalismo é uma corrente de pensamento econômico e político que defende a redução da intervenção do Estado na economia, dando ênfase na difusão do mercado livre, da concorrência e da iniciativa privada. Tal pensamento surgiu como uma reação ao intervencionismo estatal e às políticas de bem-estar social (*welfare state*) que se apoderaram do século XX, em especial depois da crise econômica da década de 1970.

Historicamente, de acordo com Dardot e Laval (2016), os ideais neoliberais surgem no Colóquio *Walter Lippmann*, realizado em Paris, em 1938, na esfera do Instituto Internacional de Cooperação Intelectual. Mas, como sabemos, ele tornou-se preeminente a partir da década de 70 do século XX, como modo de organização da economia e dos estados nacionais, em um contexto marcado por crises econômicas e desmantelamento do estado de bem-estar social. Com bem explicam Oliveira e Santaella (2023, p. 106-107),

Marcado por reformas econômicas, transformações dos Estados e pela construção de uma nova subjetividade, o neoliberalismo é dimensionado como a razão de mundo que orienta o capitalismo contemporâneo. Ele constrói uma espécie de nova racionalidade, utilizada para estruturar e organizar a ação dos governantes e a conduta dos governados. O valor predominante dessa racionalidade é o da concorrência, que orienta o desenvolvimento de uma subjetivação humana, construída a partir do modelo dos processos de mercantilização que segue utilizado para as relações sociais (DARDOT; LAVAL, 2016). É como se todas as esferas da vida fossem mercantilizadas.

Segundo Fiori (1997), é a partir de uma vitória ideológica que o neoliberalismo emerge a partir da década de 1970, imprimindo rigoroso discurso crítico contra os fundamentos do capitalismo do *welfare state* e do Estado provedor.

Nessa mesma interpretação, Antunes (2002, p. 235) observa:

O Neoliberalismo passou a ditar o ideário e o programa a serem implementados pelos países capitalistas, inicialmente no centro e logo depois nos países subordinados, contemplando reestruturação produtiva, privatização acelerada, enxugamento do estado, políticas fiscais e monetárias, sintonizadas com os organismos mundiais de hegemonia do capital como Fundo Monetário Internacional.

O neoliberalismo apregoa algumas ideias as quais descreveremos a seguir. São elas:

i. *Privatização*: Consiste na transferência de empresas e serviços públicos para a iniciativa privada a partir da ideia de que as empresas privadas são não somente mais eficientes na gestão, mas também na geração de lucros do que o Estado;

ii. *Desregulamentação*: Abarca a eliminação ou diminuição das regulações governamentais sobre setores econômicos no que diz respeito à proteção ao meio ambiente, aos direitos trabalhistas e às políticas de consumo;

iii. *Livre mercado*: Abrange a falsa ilusão de que os mercados, quando livres de regulamentações estatais, são a melhor forma de promover a eficiência econômica, o bem-estar social e a inovação. Acredita-se que a concorrência leva à melhoria dos produtos e serviços, além de diminuir preços;

iv. *Livre comércio e globalização*: Promoção da abertura de mercados internacionais, procurando reduzir barreiras comerciais, tais como tarifas e cotas, de modo a expandir o comércio global e melhorar a competitividade.

v. *Redução do Estado*: preza-se por uma menor participação do Estado na economia, especialmente para garantir a ordem e a segurança. Não se trata de um Estado como um agente ativo no desenvolvimento econômico ou na redistribuição da riqueza.

Para situar o leitor, o neoliberalismo teve destaque a partir da década de 80, em especial com os governos de Ronald Reagan nos Estados Unidos da América e Margaret Thatcher no Reino Unido, que implementaram em seus governos políticas econômicas baseadas nas ideias apresentadas anteriormente.

Em sua obra intitulada “O Capital no Século XXI”, Piketty (2014) faz uma crítica importante ao neoliberalismo, em especial no que concerne ao impacto das políticas neoliberais na produção da desigualdade econômica. A crítica feita pelo autor traz ricos detalhes de dados

históricos sobre a distribuição de renda e riqueza. Dentre os diversos pontos que o economista francês aponta sobre o neoliberalismo, destacamos pelo menos quatro a seguir.

O primeiro deles diz respeito ao *crescimento da desigualdade econômica*. Piketty (2014) assevera que o neoliberalismo, em especial após a década de 1980, intensificou a desigualdade de renda e riqueza. As políticas neoliberais, que incluem desregulamentação dos mercados, cortes de impostos para os mais ricos, redução do papel do Estado na economia e enfraquecimento dos sindicatos, favorecem os mais ricos e contribuem para o aumento das assimetrias da riqueza. Para o autor, o neoliberalismo comparece como uma força que tem permitido a intensificação da concentração de riqueza, em desfavor da classe média e das camadas mais pobres da sociedade.

O segundo ponto concerne à *destruição do Estado de Bem-Estar Social* em diversos países ocidentais. O autor mostra que, ao cortar impostos sobre aqueles que detém os meios de produção (os ricos) e reduzir o gasto público como saúde, educação e seguridade social, o neoliberalismo debilita as redes de proteção social que poderiam mitigar as desigualdades sociais.

Já o terceiro ponto está relacionado com a rentabilidade do capital. Uma das contribuições do economista é a análise que empreende sobre o retorno do capital. Para ele, no neoliberalismo, o retorno sobre o capital (juros, dividendos, lucros) tende a ser muito maior do que o crescimento da economia, o que implica que aquelas pessoas que já detém capital se beneficiam muito mais do que aquelas que dependem somente do trabalho. No contexto neoliberal, com uma menor regulação do mercado e impostos reduzidos para os mais ricos, essa dinâmica se torna ainda mais pronunciada.

Finalmente, o quarto ponto que julgamos interessante dentro da reflexão proposta por Piketty é a *ideologia do neoliberalismo*, que procura justificar a desigualdade como consequência natural da liberdade de mercado. Sua crítica está na crença de que o mercado, por ele mesmo, pode garantir uma distribuição justa das riquezas. Para o autor, trata-se de uma visão enganosa, falaciosa, já que ignora a concentração de riqueza e de poder nas mãos de uma minoria, e tende a perpetuar as desigualdades econômicas e sociais.

Em resumo, o economista francês concebe o neoliberalismo como um sistema que favorece a concentração de riqueza, amplifica a desigualdade social e debilita o papel do Estado na difusão da justiça social. Em suas obras, ele preconiza a revisão das políticas fiscais, a reestruturação do sistema econômico global e um maior foco em políticas de redistribuição de riqueza para combater os efeitos negativos do neoliberalismo. Vale dizer que essa análise

constitui sua crítica mais ampla ao capitalismo contemporâneo e ao modo como ele contribui para a perpetuação da desigualdade ao longo das gerações.

Harvey, geógrafo, teórico social e crítico tenaz do capitalismo e do neoliberalismo, afirma em suas obras, em especial aquelas em que ele se dedica a refletir sobre a lógica da economia neoliberal, que o neoliberalismo, mais do que uma ideologia econômica, é, isto sim, um projeto, um modo de organizar a sociedade, a política e a economia global em favor do capital e dos gestores das grandes corporações.

Das diversas premissas que o pensador traz em suas obras, gostaríamos de trazer para a consideração pelo menos quatro delas (Harvey, 2008).

A primeira delas é a **Teoria do Capitalismo como processo de acumulação espacial**. O autor, que é geógrafo e atento às questões sócio-políticas e econômicas, compreende que o capitalismo não é apenas uma estrutura econômica, mas um sistema global que se desenvolve e se vincula através do tempo e do espaço. Para ele, a acumulação capital é ao mesmo tempo um processo geográfico e econômico. Em outras palavras, o capitalismo se organiza e reconfigura o espaço físico por meio da dinâmica de concentração de capital em dadas regiões e da circulação de mercadorias.

A segunda diz respeito às **contradições e crises no capitalismo**. Na esteira do pensamento de Karl Marx, para Harvey o capitalismo é contraditório e está propenso a crises, crises essas que, longe de serem falhas no sistema, são parte constitutiva de seu funcionamento. Vale dizer que tais crises se materializam de diferentes formas: espacial, econômica e política, culminando em um sistema de exploração e do esgotamento dos recursos naturais.

Já a terceira está relacionada à **urbanização e ao capitalismo**. Em suas obras, o autor investiga como o processo de urbanização está intrinsecamente ligado à dinâmica do capitalismo. Ele compreende que as cidades são um reflexo das contradições capitalistas, onde a segregação social, a exploração do trabalho e a gentrificação<sup>6</sup> são a materialização mais notória. As cidades são arenas de lutas, conflitos, embates entre diferentes classes sociais, sendo a mudança urbana uma parte essencial na acumulação de capital.

Por fim e não menos importante, a quarta é relativa à **mercantilização de tudo**. Harvey defende que no neoliberalismo tudo é transformado em mercadoria, desde serviços essenciais até o corpo, resultando em uma sociedade na qual as relações sociais e as necessidades humanas básicas são regidas pela lógica perversa do lucro e da competitividade.

---

<sup>6</sup> Gentrificação é um processo de transformação urbana que expulsa moradores de bairros periféricos e transforma essas regiões em áreas nobres. A especulação imobiliária, aumento do turismo e obras governamentais são responsáveis por esse fenômeno.

Para entender o *modus operandi* do capitalismo de desastre é importante trazer para o interior do debate as reflexões de uma figura emblemática do capitalismo contemporâneo: o economista, estatístico e escritor norte-americano Milton Friedman, que também foi professor da Universidade de Chicago por mais de três décadas.

Para Naomi Klein (2008), Friedman é o maior ideólogo da escola de pensamento neoliberal, contribuindo, a partir de suas ideias, para o avanço das políticas econômicas de capitalistas neoliberais, políticas essas que compreenderam desde o golpe militar deflagrado por militares chilenos contra o presidente Salvador Allende, que deu início a ditadura de Augusto Pinochet em 1974, até a privatização da segurança e do exército estadunidense a partir da “Guerra ao Terror” no Iraque.

Considerado um dos principais expoentes da Escola de Chicago, as ideias de Friedman influenciaram sobremaneira o pensamento econômico contemporâneo, em especial no que concerne ao liberalismo econômico. A *doutrina de choque* sobre a qual Naomi Klein discorre em seu livro é de autoria desse economista, que encontrou na ditadura chilena de Pinochet seu primeiro laboratório para aplicá-la. Nas palavras da jornalista,

Friedman aconselhou Pinochet a impor uma reforma econômica bastante rápida: corte de impostos, livre-comércio, serviços privatizados, cortes nos gastos sociais e desregulamentação. Em alguns casos, os chilenos viram até mesmo suas escolas públicas serem substituídas por escolas privadas mantidas por créditos estudantis emitidos pelo governo na forma de vouchers. Foi a estratégia mais extrema de apropriação capitalista jamais tentada em qualquer lugar, e ficou conhecida como a “revolução da Escola de Chicago”, pelo fato de que muitos economistas de Pinochet tinham estudado sob a orientação de Friedman na Universidade de Chicago. Friedman previu que a rapidez, a brusquidão e o objetivo da mudança econômica iriam provocar, no público, reações “psicológicas que facilitarão” o ajuste. (Klein, 2008, p. 17).

Segundo a autora “Pinochet também facilitou o ajuste com os seus tratamentos de choque próprios; em geral, implementou-os nas muitas celas de tortura do regime, infligindo-os a corpos retorcidos daqueles que foram considerados obstáculos à transformação capitalista.” (Klein, 2008).

Em sua obra, a autora mobiliza o termo “tortura” como metáfora para descrever o processo de um choque que afeta uma população inteira e ainda qual o sentido e objetivo que essas torturas têm como função. Vale dizer que a tortura tem sido uma parceira silenciosa para impor o livre mercado. Para a autora:

A tortura sendo então uma forma sistemática de violência psicológica e física de gerar confusão e desorientação temporária no torturado, forçando-o a se desprender de suas

próprias convicções e consciência, tornando-o facilmente suscetível a sugestões dos torturadores, cedendo a sua vontade. “A tortura”, ou “interrogatório coercitivo” no linguajar da CIA, é um conjunto de técnicas destinadas a colocar prisioneiros em estado de profunda desorientação e choque, de modo a obrigá-los a fazer concessões contra a própria vontade. (Klein, 2008).

Vale ressaltar que, além do Chile, outros países foram alvo da doutrina de choque: Bolívia, em 1980; Malásia, Coreia do Sul, Brasil, Indonésia, Filipinas e muitos outros passaram por processos semelhantes nos anos de 1990. Em 2005, foi a vez dos EUA, berço do neoliberalismo econômico, mais precisamente Nova Orleans, Louisiana, com o furacão Katrina. Em todos os casos, o Estado foi reduzido por meio de privatizações, e as corporações ganharam liberdade com a desregulamentação. É o capitalismo – neste caso, o capitalismo de desastre sobre o qual iremos aprofundar a discussão – se fortalecendo com as crises que ele mesmo fomenta.

Os mecanismos – experimentos psiquiátricos associados a teorias do liberalismo econômico de Friedman (2020 [1962]) – deram vazão a novas estratégias de dominação geopolítica e começaram a funcionar.

Além da doutrina de choque, gostaríamos de discorrer pelo menos mais quatro ideias liberais que constituem o pensamento de Milton Friedman (2020 [1962]).

A primeira delas é a sua crítica ao *Estado-Providência*, também conhecido como *Estado de Bem-Estar Social*. Para ele, a redistribuição de renda e os serviços sociais financiados por impostos elevados poderiam favorecer a dependência e desincentivar o trabalho e a iniciativa individual. Na ideologia neoliberal, o governo deveria ser limitado à defesa da ordem e da liberdade, e não à distribuição de bens e serviços.

A segunda ideia defendida por Friedman é a *Liberdade Econômica e Mercado Livre*, que consiste na intervenção mínima do governo. Para ele, a competição livre, isto é, sem controle do Estado, era a melhor forma de promover a eficiência econômica e a propriedade. Nessa via, a intervenção do governo, como políticas de controle de preços e regulamentações várias, poderia gerar distorções e problemas econômicos.

Já a terceira ideia está intimamente relacionada com o conteúdo que traz em seu livro “Capitalismo e Liberdade”, publicado em 1962. Nele o autor expõe a ideia de que a liberdade econômica é fundamental para a garantia da liberdade individual, argumentando que a economia de mercado e o mercado livre eram os melhores mecanismos para garantir a autonomia das pessoas e evitar o totalitarismo, uma vez que, segundo esta perspectiva, o controle econômico pelo Estado limita as liberdades individuais e políticas.

Finalmente, a quarta diz respeito à defesa da *escolha escolar*. Friedman defende a liberdade de os pais escolherem a escola de seus filhos, o que se daria pela adoção de um sistema de *vouchers* que permitiriam aos estudantes usar recursos públicos para pagar a matrícula em escolas privadas.

De nossa parte, a respeito do tema ‘escola’, o que Friedman estava propondo era a abertura de um caminho profícuo (leia-se lucrativo) para a privatização, em conta gostas, das escolas públicas, não é à toa que, a respeito de Nova Orleans, após o furacão Katrina, o economista publicou um editorial no *The Wall Street Journal*, sugerindo a reforma educacional da cidade (Klein, 2008): “A maioria das escolas de Nova Orleans está em ruínas, assim como as casas das crianças que as frequentaram. As crianças estão agora espalhadas por todo o país. Isto é uma tragédia. É também uma oportunidade para reformar radicalmente o sistema educacional”. Certamente Friedman não estava preocupado nem com as criancinhas orlenianas desabrigadas e sem escola, muito menos com a melhoria da qualidade do ensino!

Retornemos ao tema do *Capitalismo de Desastre*, tal como é tratado por Klein (2008) em seu livro “A Doutrina de Choque - A Ascensão do Capitalismo do Desastre”. Como já afirmamos, o capitalismo de desastre é uma prática econômica em que grandes corporações, investidores e gestores beneficiam-se de crises, desastres naturais, guerras e outros acontecimentos catastróficos para lucrar e implementar políticas que favorecem o setor privado, geralmente passando por cima do bem-estar social e das necessidades públicas. A autora aponta que a lógica desse capitalismo consiste em que, em períodos de crise (enchentes, furacão, vendaval, guerras etc.), governos e populações, em estado de choque, estão mais vulneráveis a aceitar mudanças rápidas e radicais nas políticas econômicas.

A seguir, elencamos três aspectos típicos que constituem a lógica do capitalismo de desastre, são eles:

i. **Reformas econômicas repentinas:** Em momentos de crises financeiras ou sociais, governos, bem ao gosto dos “arquitetos econômicos”<sup>7</sup>, podem adotar políticas que beneficiam corporações, tais como: reduções de regulamentações ambientais ou trabalhistas; cortes de impostos para os ricos ou ainda entrega de contratos públicos a grandes empresas;

ii. **Privatização de bens públicos:** Após desastres, serviços essenciais (educação, saúde, energia ou água) são entregues à iniciativa privatizada a fim de lucrarem com a necessidade da população,

---

<sup>7</sup> O termo é de Milton Friedman (1912 - 2006), mas estamos o mobilizando aqui com um tom de crítica.

iii. **Intervenções em países de guerra:** Empresas privadas de segurança e/ou reconstrução entram em países devastados por conflitos, tomando proveito da ausência de governança e oferecendo seus serviços a preços proeminentes.

Em resumo, na lógica perversa desse capitalismo, os desastres naturais e até as guerras se tornam grandes oportunidades de mercado. Schmidlehner (2013, p. 29) ratifica que os mecanismos do capitalismo de desastre passam a funcionar “quando os indivíduos de uma sociedade perdem sua narrativa, e o capitalismo selvagem, aproveitando sua paralisia e impotência, pode impor suas regras sobre eles.”

A crítica ao capitalismo de desastre é necessária em virtude de estimular as desigualdades sociais e econômicas, sem contar com o fato de explorar a vulnerabilidade humana em contextos de crises acentuadas para obter lucro às custas das necessidades da população.

## 2. ESTADO, GOVERNO E GESTÃO PÚBLICA

### 2.1 O Estado do Rio Grande do Sul

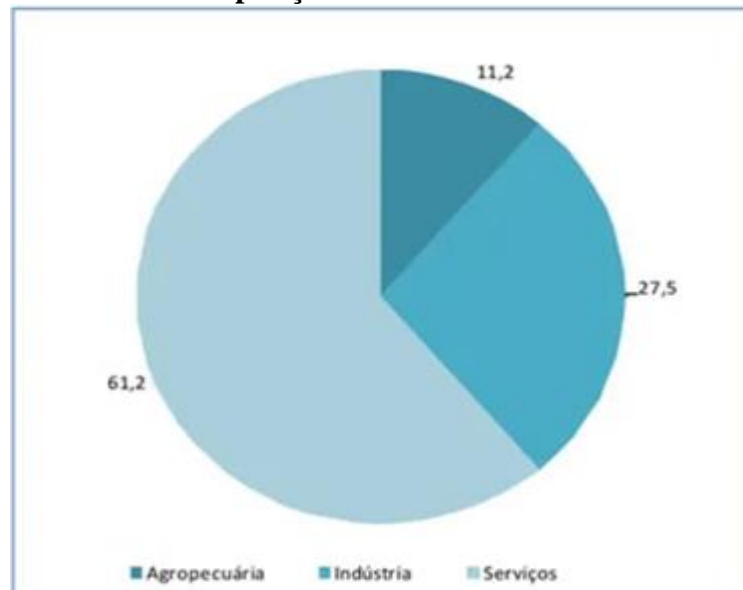
Segundo o IBGE (2022), o Rio Grande do Sul é um estado brasileiro localizado na região sul do país, faz divisa com o estado de Santa Catarina e com países como Uruguai ao sul e Argentina ao oeste. Sua capital é Porto Alegre.

De acordo com o IBGE (2022), o estado tem uma área territorial de 281.707.151 km<sup>2</sup>, sua população é de cerca de 10.882.965 pessoas que residem em 497 municípios. Com uma densidade demográfica de 38.63 hab/km<sup>2</sup>, o estado conta com um IDH<sup>8</sup> de 0.771 [2021].

A economia do Rio Grande do Sul teve uma participação importante dos imigrantes portugueses, alemães e italianos no fortalecimento da economia. Eles desenvolveram técnicas de cultivo na região, além de terem promovido o desenvolvimento econômico em solo gaúcho. A evolução da economia estadual ocorreu de forma satisfatória e, atualmente, o estado possui a quarta maior economia do país, inferior apenas aos estados de São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais.

O PIB gaúcho tem apresentado significativas evoluções a cada ano. Atualmente, representa 6,4% do PIB nacional e, no âmbito regional, esta participação é de aproximadamente 40%. Sua posição é a seguinte:

**Gráfico 1: Composição do PIB do Rio Grande do Sul**



Fonte: BRASIL ESCOLA (2024)

<sup>8</sup> Índice de Desenvolvimento Humano.

Portanto, o setor de serviços é o principal segmento da economia estadual (61,2%), destacando-se, principalmente em Porto Alegre, a capital do estado.

A indústria, responsável por 27,5% do PIB estadual, é bem diversificada e se desenvolveu a partir das agroindústrias e de outros segmentos ligados ao setor primário. Destaca (General Motors), implementos agrícolas, fertilizantes e calçados.

A agropecuária, apesar de contribuir diretamente com apenas 11,2% para o PIB gaúcho, é uma atividade de fundamental importância para a economia estadual, pois é por meio dela que derivam vários segmentos da indústria e dos serviços.

O Estado destaca-se por ser o terceiro maior produtor nacional de grãos, apresentando-se inferior apenas aos estados do Mato Grosso e Paraná, com expressiva colheita do arroz, soja, milho, trigo, mandioca e uva. Possui também um dos maiores rebanhos bovinos do país e a segunda maior criação de aves (BRASIL ESCOLA, 2024).

Os dados da economia do Rio Grande do Sul:

Produto Interno Bruto (PIB): 176,6 bilhões de reais;

PIB per capita de 18.777;

Exportações - 18,3 bilhões de reais	Importações - 14,5 bilhões de reais
Soja e derivado: 16%	Petróleo: 30%
Carnes: 12%	Veículos automotores e peças: 13%
Fumo: 10%	Aubos e fertilizantes: 12%
Veículos automotores: 8%	Máquinas e equipamentos: 10%
Máquinas e equipamentos: 8%	Derivados do petróleo: 9%
Calçados: 7%	Produtos das indústrias químicas: 7%
Plataformas de perfuração e exploração: 5%	Alimentos: 3%
Plásticos e seus produtos: 4%	Outros: 16%
Outros: 30%	

Fonte: BRASIL ESCOLA (2024)

A hidrografia do Rio Grande do Sul tem um total de 86 rios, sendo que os mais destacados são os rios: Lagoa dos Patos, Lagoa Mirim, Rio das Antas, Rio Santa Maria, Rio Piratini, Represa Passo Real, Lagoa Mangueira, Rio Caí e também 3 rios que ficam na linha de fronteira Uruguai e Argentina, e uma lagoa que fica na linha de limite com Santa Catarina.

Em destaque, o Rio Grande do Sul tem a maior parte de água doce que fica localizada ao lado leste do RS, que é a Lagoa dos Patos. Basicamente, dos grupos de água, os que correm para o Atlântico e os que correm para o Rio Uruguai. Embora as nascentes dos Rios Taquari e Jacuí originam-se nessa região, todos se apresentam encaixados com corredeiras e quedas d'água, possuindo elevado potencial energético que, em grande parte, é utilizado.

**Imagem 1: Mapa do Rio Grande do Sul**



Fonte: Projeto Rio Grande Tchê (s/d).

As bacias hidrográficas atuais da região sul do Brasil, aparentemente começaram a ser implantadas no terciário inferior, com a instalação de condições climáticas de maior unidade, a rede de drenagem dessa região.

A rede hidrográfica do Rio Grande do Sul é dividida em três regiões: Região hidrográfica da Bacia do Rio Uruguai; Região Hidrográfica da Bacia do Guaíba e Região Hidrográfica da Bacia do Litoral. Os rios mais importantes do Rio Grande do Sul são o Uruguai, Ijuí, Jacuí, Caí, Taquari, Ibicuí, Pelotas, Camaquã e Sinos (Weebly, s/d).

## 2.2 O Governo de Eduardo Leite e sua gestão

Eduardo Leite, filiado ao PSDB, é o primeiro governador reeleito na história do Rio Grande do Sul. De acordo com o Portal do Estado do Rio Grande do Sul, após a tragédia, o governo está trabalhando no “processo de reconstrução do Estado a partir do Plano Rio Grande, iniciativa que reúne, a partir de evidências científicas, ações de curto, médio e longo prazo para recuperação após as enchentes de maio de 2024, adaptações e resiliência climática”. (PORTAL DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL, s/d.). O que se apaga nessa formulação é o fato de que só há necessidade de reconstrução em razão da política econômica adotada pelo estado. Como aponta Klein (ano), reconstrução significa possibilidade de expandir os ideais neoliberais. Explicamos.

O atual governador do RS, Eduardo Leite, que está no poder desde 2019, apresenta vertentes que se vinculam a uma política neoliberal pautada no Estado mínimo. Em seu plano de governo propagado em 2018, Leite sinalizava intenções de “empreendedorização” do meio ambiente (Proposta de Governo, 2018), confirmadas após mudanças em leis ambientais. Em seu primeiro ano de mandato, o governo alterou 480 pontos no Código Ambiental do Estado - qual, até então, era considerado um modelo pioneiro na proteção ambiental -, o que acarretou em uma flexibilização ambiental por meio do discurso de desenvolvimento econômico, com claro intuito de favorecer empresários (Neves, 2024) ou “capitalistas de desastre”, para Friedman seriam os “arquitetos econômicos”.

Como já afirmamos, por neoliberalismo, entende-se o método político com difusão de um modelo de mercado para além do mercado, implicando em uma norma de vida que se relaciona com dimensões da concorrência e das privatizações de empresas estatais (Andrade, 2019). O referido modelo político-econômico tem como característica o discurso de ineficiência do Estado e favorecimento do capital (Brown, 2019), o que provoca mudanças na sociedade, no Estado e no indivíduo.

Diante do exposto, identificam-se semelhanças entre as políticas neoliberais e a gestão do atual governador do RS, com efeitos perversos no cenário ambiental.

A propósito, observa-se que o desmonte das leis ambientais entre 2019 e 2020, promovido pelo governo Eduardo Leite no plano estadual, está alinhado ao enfraquecimento da proteção ambiental conduzida pela gestão de Jair Bolsonaro (2018-2022), pelo seu então ministro do meio ambiente Ricardo Salles e a bancada ruralista no Congresso Nacional. Como resultado, o desmonte da lei estadual agravou ainda mais a questão da proteção ambiental que já estava debilitada em contexto nacional. Com a não flexibilização das leis estaduais e o não

favorecimento dos empresários, catástrofes como as que vimos, poderiam ao menos ser amenizadas por políticas socioambientais.

As ações políticas de caráter neoliberal do governo Leite, desde o início da sua gestão, contribuíram para o desmantelamento de políticas ambientais, com o objetivo de favorecer aqueles que já detêm o poderio econômico, enquanto desfavorece as camadas mais populares, as quais são as mais prejudicadas pelo capitalismo e os seus algozes, tornando-se ainda mais vulneráveis em catástrofes naturais intensificadas pelo capitalismo de desastre.

A tragédia mostrou o descaso das administrações do estado do Rio Grande do Sul, da capital Porto Alegre e de vários municípios que adotaram políticas de estrangulamento do setor público e privatização de áreas de interesse público. Várias recomendações de medidas de prevenção haviam sido anunciadas por técnicos das áreas afins, mas pouco ou nada foi feito. O exemplo mais evidente foi o alerta, em 2018, e agora tornado público, de que o sistema de bombeamento da cidade de Porto Alegre requeria manutenção urgente, sem a qual poderia falhar em uma provável enchente - e foi exatamente o que aconteceu. Também falhou o sistema de comportas, que tinha visíveis fragilidades de manutenção. O governador do estado do Rio Grande do Sul, Eduardo Leite, quando cobrado sobre os avisos repetidamente anunciados sobre as fortes chuvas que viriam, manifestou que não investiu em prevenção porque o estado tinha “*outras agendas*”. A esse respeito, foram mais de 489 medidas tomadas pelo governo do estado do Rio Grande do Sul, a partir de 2019, primeiro ano de mandato do atual governador Eduardo Leite, que causaram o desmonte da legislação ambiental, como a flexibilização de regras ambientais para a construção de barragens para irrigação em Áreas de Prevenção Permanente (APP) e, mais recentemente, o não investimento em infraestrutura para proteção de encostas e na recuperação do sistema de proteção contra enchentes de Porto Alegre, que, na enchente de setembro de 2023, já havia mostrado a necessidade de recuperação e que agora “falhou miseravelmente”, afirma o professor Walter Collischonn, da área engenharia ambiental e engenharia hídrica da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Pontes, 2024).

A gestão governamental do RS, incluindo a gestão das prefeituras, desconsiderou os alertas dos cientistas e repetiu, no primeiro semestre de 2024, a narrativa de que eventos extremos acontecem de tempo em tempos, sendo, portanto, um acontecimento natural. Ademais, não admitem que tais eventos estão acontecendo com muito mais frequência e em uma intensidade muito maior. Vale lembrar que o estado do Rio Grande do Sul sofreu duas enchentes no prazo de menos de um ano: uma em setembro de 2023, que deixou 47 mortos e dezenas de desabrigados e, a atual, além de alertas para outras em curto espaço de tempo.

Ao admitir que ignorou alertas sobre chuvas, Leite desnuda a lógica neoliberal. O Governador optou por não priorizar ações de mitigação da crise climática em nome da “capacidade fiscal do estado”. O resultado é sentido na pele de milhões de gaúchos.

No Rio Grande do Sul, ao que tudo indica, alertas sobre mudanças desse tipo não faltaram, mas a administração estadual -guiada pela lógica neoliberal do Estado Mínimo, do “enxugamento da máquina” e da “responsabilidade fiscal” - optou por ignorá-los, conforme admitido pelo próprio governador Eduardo Leite.

Em entrevista à Folha de S. Paulo, publicada em 20 de maio de 2024, ao ser questionado sobre estudos que já apontavam a possibilidade de aumento significativo das chuvas no estado e sobre se o governo se preparou mal para essa situação, Leite respondeu “Bom, você tem esses estudos, eles de alguma forma alertam, mas o governo também vive outras pautas e agendas”. Na sequência, completou: “a agenda que se impunha ao estado era especialmente aquela vinculada ao restabelecimento da capacidade fiscal ao estado para poder trabalhar nas pautas básicas de prestação de serviços à sociedade gaúcha.”

Na visão do governador, portanto, salvaguardar a vida de milhões de pessoas e animais e proteger o meio ambiente e a estrutura do estado não são mais importantes do que restabelecer a “capacidade fiscal do estado”. Seguindo esse mesmo raciocínio, Leite alterou o Código Ambiental, mudando mais de 400 itens, para torná-lo mais flexível aos interesses privados, num estado que já perdeu boa parte de seu bioma mais típico, o Pampa, para o agronegócio (Vermelho, 2024).

### 2.3 Rio Grande do Sul e as enchentes

Em maio de 2024, os gaúchos vivenciaram uma tragédia climática, talvez a maior da história do Estado do Rio Grande do Sul. Trata-se das inundações que acometeram algumas cidades do Estado, como Porto Alegre e Canoas principalmente. Conforme dados emitidos pela Defesa Civil Estadual, em meados de 27 de maio, pelo menos 469 municípios e 2.345,400 pessoas foram afetados pelas enchentes, resultando no desalojamento de mais de 580 mil e causando 169 mortes, sem contar com 56 pessoas desaparecidas e mais de 55 mil desabrigadas (BRASIL DE FATO, 2023).

O território gaúcho está dividido em duas bacias hidrográficas: a do rio Uruguai e a do Atlântico Sudeste. Esta última pode ser dividida em outras duas sub-bacias: a do Guaíba



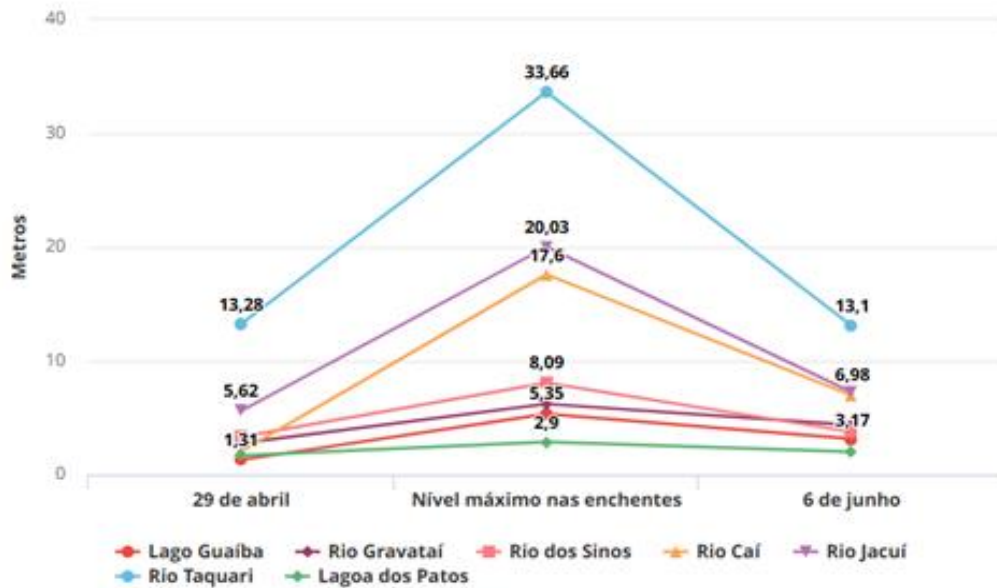
aeroporto internacional fechado por tempo indeterminado. Além disso, é relevante assinalar, ônibus intermunicipais suspensos, entre diversos outros efeitos decorrentes da calamidade que atingiu grande parte da sociedade sulista, em especial a classe pobre.

Importa mencionar que o Rio Grande do Sul é um dos maiores produtores de grãos do país, como exemplo, constitui-se o maior produtor de arroz a nível nacional, correspondendo a 70% da produção deste grão. Após a tragédia, as perdas que corresponderam à produção podem chegar até 68 milhões (Souza, 2024), o que tende a acarretar um déficit econômico tanto para o estado, quanto para o restante do país. As perdas perpassam também por outras plantações, como de milho e soja; além de animais terem sido afetados diretamente, à exemplo disso, no município de Estrela, mais de 56 mil frangos se afogaram. Portanto, os prejuízos na agricultura e na pecuária são inestimáveis (G1, 2024a). Contudo, apesar de muitas mortes de diversos animais, um símbolo de resistência foi o conhecido caso do cavalo, carinhosamente chamado, de Caramelo.

Neste sentido, demonstrando preocupação com o agronegócio, Eduardo Leite - desde o início da calamidade instaurada - vem cobrando medidas do governo federal para essa categoria. Como foi o caso do evento, em julho de 2024, o governador participou com produtores rurais para exigir mais apoio do âmbito federal ao setor, após os recentes eventos meteorológicos que vêm ocorrendo no estado desde 2023.

Os temporais elevaram rios como o Pardo, Taquari, Caí, Antas, Sinos, Gravataí, além do Lago do Guaíba e da Lagoa dos Patos, acima das cotas de inundação. Grande parte dos sedimentos ainda está na água, e o que não foi para o fundo dos rios e do lago, vai para o Sul do estado, piorando a situação.

Imagem 3: Nível dos rios no RS: antes, durante e depois



Fonte: G1, Rio Grande do Sul Notícias, 2024

O gráfico acima nos mostra o nível dos rios antes, durante e depois das enchentes. O lago Guaíba no dia 29 de abril tinha um nível de 1,31. Durante o nível do rio ficou em 5,35 e no dia 6 de junho depois das enchentes o nível baixou para 3,17.

O rio Gravataí em 29 de abril estava em 2,78, enquanto o nível subiu a 6,23. E após enchentes ele baixou para 4,37. O rio dos Sinos no dia 29 de abril estava em 3,36, durante foi para 8,09 e no dia 6 de junho baixou para 3,77.

Já o rio Caí estava em 2,06 antes das enchentes, atingiu um nível máximo de 17,6 e em 6 de junho foi para 6,98. Em 29 de abril o rio Jacuí estava em um nível de 5,62, atingiu o nível de 20,3 no período das enchentes e depois baixou para 7,27 em 6 de junho.

O rio Taquari obteve o maior nível de todos os rios do estado, antes da tragédia ele estava em 13,28, já durante as enchentes ele teve um nível máximo de 33,66 e após ele desceu para 13,1.

Por fim, a Lagoa dos Patos em 29 de abril era de 1,7, subiu para 2,9 no período de cheia e baixou o nível para 2,03.

O hidrólogo Rodrigo Paiva, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), explica os efeitos da erosão nos rios: “Um evento de chuva tão intenso, uma cheia tão grande, naturalmente causa uma erosão em partes da bacia, seja em encostas, ou no leito dos rios, ou nas margens. Então, a gente vai ter erosão onde a água corre com muita força, tipicamente nos rios mais de montanha, da Serra, e deposição onde a água é mais parada.”.

Nas últimas três décadas, Behr e Silva (2021) apontam que houve um aumento significativo na frequência dos eventos naturais de caráter extremo, o que tem afetado diretamente as populações ao redor do mundo. Segundo os autores, no caso do Brasil, as queimadas e os desmatamentos intensificaram-se, contribuindo para o aumento na emissão de gases de efeito estufa; o desmatamento enquanto fenômeno de exploração da natureza, na maioria dos casos, está relacionado às práticas irregulares tais como: extensa atividade agropecuária; grilagem de terras públicas; exploração predatória de madeira; garimpo e outras atividades que podem ser consideradas ilegais. Tais ações estão diretamente relacionadas sobretudo pela busca do lucro e da acumulação de capital.

Segundo dados da Organização das Nações Unidas (2020), o Brasil está entre os países com maior número de pessoas expostas a inundações; o país sofreu o impacto de cerca de 70 desastres naturais, que afetaram cerca de 70 milhões de pessoas, entre os anos de 2000 e 2019, o que na maioria dos casos apresentam consequências drásticas. Dentre essas consequências: perdas humanas e materiais; interrupção das atividades econômicas nas áreas atingidas, contaminação da água, entre outras (Behr; Silva, 2021).

O estado do Rio Grande do Sul em 2023 passou por três enchentes que resultaram em 75 mortes; tanto em junho, quanto em setembro o estado foi atingido por um ciclone extratropical ocasionando em alagamentos e desmoronamentos de terra, enquanto em novembro do mesmo ano houve chuvas que, embora tenham sido mais brandas, acarretaram em 5 mortes (Guimarães, 2024; Preite Sobrinho, 2024). Os fatos mencionados - que deveriam ser considerados como alardes - demonstram o descaso da gestão pública em relação às questões climáticas na região.

Entre o final de abril e durante o mês de maio de 2024, o Rio Grande do Sul foi atingido por fortes chuvas, causando uma série de enchentes, inundações e deslizamentos. Segundo registros históricos, essa teria sido uma catástrofe climática sem precedentes nas últimas décadas - a última, que pode-se comparar em alguma medida, ocorreu em 1941 que, por muito tempo, foi conhecida como “a grande enchente” (MetSul, 2024). À vista disso, foi confirmado por meio de estudos que essa calamidade no RS foi agravada e potencializada devido às mudanças climáticas induzidas pelo ser humano, que tornou as chuvas 15% mais intensas do que seriam (Sander, 2024).

Sendo assim, as chuvas que devastaram o estado desde 24 de abril do corrente ano fizeram com que o governador Eduardo Leite anunciasse o Decreto de nº 57.596 (2024) de 1º de maio que “declara estado de calamidade pública no Rio Grande do Sul afetado pelos eventos

climáticos de chuvas intensas”<sup>9</sup>. Além disso, no dia 30 de maio foi publicado o Decreto nº 57.646 (2024), que especifica 95 municípios em estado de calamidade pública e 323 municípios em situação de emergência.

A maior tragédia climática da história do estado afetou 478 - dos 497 municípios gaúchos, ou seja, 96,18% do estado foi atingido, com mais de 2 milhões de pessoas afetadas de alguma maneira, dentre elas, cerca de 636 mil tiveram que abandonar as suas casas, e contabilizando até agosto de 2024, 183 mortes e 27 pessoas desaparecidas (Almeida, 2024; Defesa Civil RS, 2024). Ademais, segundo dados da Secretaria da Saúde do RS (2024), no contexto das enchentes, foram ocasionadas 25 mortes por leptospirose, além de casos confirmados de tétano acidental e hepatite A, e notificações de acidentes com animais peçonhentos, atendimentos antirrábico e doença diarreica aguda.

Em suma, um estudo do Ipea<sup>10</sup> divulgado por meio de uma nota técnica, afirma:

A mancha de impacto de enchentes, deslizamentos de terra e lama atingiu uma área de aproximadamente 16.126 km<sup>2</sup>, alcançando 484 municípios do Rio Grande do Sul. 2. Em todos os 418 municípios em estado de calamidade ou de emergência, estima-se que pelo menos 876,2 mil pessoas em 420,1 mil domicílios (8,8% da população e 8,8% dos domicílios nesses municípios) tenham sido diretamente atingidos. 3. Estima-se que ao menos 9,7% da população (310,4 mil pessoas) e 9,7% das famílias (138,8 mil famílias) que se encontravam em situação de vulnerabilidade socioeconômica antes das enchentes foram atingidas (Pereira *et al.*, 2024, p.5).

Segundo O Globo (2024), durante as enchentes, nove de dez ponto de medição em rios e lagoas monitoradas pela Defesa Civil do Rio Grande do Sul estão acima da cota de inundação, de acordo com os dados hidrológicos do Departamento de Gestão de Recursos Hídricos e Saneamento (DRHS) da Secretária de Estado de Meio Ambiente e Recursos Naturais (SEMA) do Rio Grande do Sul. A cota de inundação marca o nível no qual os primeiros danos são observados na região afetada. Os registros mais recentes apontam que apenas o rio Uruguai, na altura do município de Garruchos, na fronteira com a Argentina, está abaixo da cota.

O Guaíba, que não consta nesta relação dos dez pontos de medição apresentada pela Defesa Civil, também esteve acima da cota de inundação e, no fim de maio de 2024, foi afetado por um repique, quando o nível que havia baixado volta a subir. Após chegar à mínima de 4,57

---

<sup>9</sup> Trata-se de uma declaração que escamoteia o fato de que a causa não é o clima, mas sim a agenda econômica (neoliberal) adotada pelo referido estado.

<sup>10</sup> Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada.

metros às 14h da sexta-feira (maio de 2024), nesta segunda-feira (maio de 2024), em registro feito às 6h, o Guaíba tinha voltado aos 4,75 metros.

Imagem 4: Nível dos rios e Lagoa dos Patos no Rio Grande do Sul

Corpo d'água	Nível	Cota de inundação	Data e hora do registro	Local da medição
Rio Gravataí	5,8m	4,75m	13/05 - 5h	Gravataí
Rio dos Sinos	5,9m	4,5m	13/05 - 5h	São Leopoldo
Rio Caí	9,18m	9m	13/05 - 5h	Feliz
Rio Caí	15,67m	10,5m	13/05 - 5h	São Sebastião do Caí
Rio Jacuí	14,99m	7,5m	12/05 - 17h	Rio Pardo
Rio Taquari	27,79m	19m	13/05 - 5h	Estrela
Rio Taquari	19,19m	18m	13/05 - 5h	Muçum
Lagoa dos Patos	2,56m	1,3m	12/05 - 17h	São Lourenço do Sul
Rio Uruguai	7,22m	15m	13/05 - 5h	Garruchos
Rio Uruguai	12,07m	8,5m	13/05 - 5h	Uruguaiana

Fonte: Defesa Civil - DRHS-SEMA

Fonte: Defesa Civil - DRHS-SEMA, 2024.

### 3. O APARATO TEÓRICO DA ANÁLISE DE DISCURSO E AS CHARGES

Neste capítulo, nosso objetivo é discorrer sobre dois pontos que julgamos importantes: o primeiro é situar o leitor a respeito da teoria a qual mobilizamos na análise das charges e o segundo é trazer para a consideração uma reflexão teórica sobre as especificidades do gênero chargístico a partir da perspectiva discursiva da linguagem.

#### 3.1 Os princípios da Análise de Discurso Materialista

Para se constituir como uma disciplina do conhecimento científico, a Análise de Discurso (AD daqui para frente) de cunho materialista se apoia em três regiões do conhecimento científico em suas articulações contraditórias: a Linguística, o Materialismo Histórico e a Teoria da Enunciação. Tudo isso atravessado por uma teoria do sujeito de natureza psicanalítica.

Como o próprio nome indica, o objeto de estudo (teórico) da AD é o discurso. Este é compreendido como efeitos de sentido entre locutores (Pêcheux, 1969). O discurso é prática social em que jogam relações de poder, embates e conflitos de classes. Mais exatamente, o discurso é produzido nas contradições materiais e ideológicas de uma formação social determinada. Para o fundador da AD, todo processo discursivo se inscreve numa relação ideológica de classes.

Para esta perspectiva, a língua não se reduz, pois, a um sistema significante abstrato, o que significa dizer que, para significar, ela é afetada pela História (Orlandi, 1995)<sup>11</sup>. Por isso que se diz que fazer AD é trazer o político para as suas discussões, entendendo o político além da prática política, mas integrante de toda relação de poder materializada na linguagem: “Tanto porque investiga as várias formas de exercício das práticas discursivas político-ideológicas (em termos das relações de forças que atuam numa sociedade), como em decorrência de sua crítica que minimiza (e não separa) a importância política do trabalho intelectual”. (Mariani, 1998, p. 26)

Em outras palavras, os trabalhos filiados à AD recusam qualquer pretensão de neutralidade científica porque:

eles são um índice de mudança no campo das ciências sociais e humanas e, em seu conjunto, sobretudo no que se refere aos trabalhos desenvolvidos no Brasil: eles representam a resistência a um modo de produção do conhecimento e a uma concepção de história. (Mariani, 1998, 26).

---

<sup>11</sup> A história pensada como a história das lutas de classes.

Em síntese, a AD representa uma tomada de posição crítica quanto aos sentidos já constituídos e dados como óbvios e naturais.

A AD assenta-se em pelo menos quatro primados elementares que devem estar na base do movimento de análise, os quais elencamos a seguir:

- 1- Não há discurso sem sujeito nem sujeito sem ideologia (Pêcheux, 1975), noutros termos, o indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia e pela língua;
- 2- A linguagem não é neutra, mas, sim, opaca, o que significa que ela tem historicidade, permitindo ao analista compreender e explicitar os processos discursivos em funcionamento no discurso;
- 3- O sujeito, longe de ter um centro, é dividido e habitado pelo inconsciente. Sujeito do desejo, ele é constituído pela falta, pela incompletude.
- 4- O sentido não está preso às palavras nem escondido nas entrelinhas do texto, mas é determinado no jogo material das formações discursivas.

A propósito da noção teórica de Formação Discursiva (FD doravante), elementar para quem trabalha com a Teoria do Discurso e importante para o gesto de análise que faremos no próximo capítulo, importa dizer que ela é definida como aquilo que numa formação ideológica dada – isto é, a partir de uma posição em uma conjuntura sócio-histórica dada – determina o que pode e deve ser dito. Daí a necessidade de discorrer sobre dois pontos que exporemos a seguir.

i. O sujeito diz o que diz a partir de sua inscrição em uma FD e não outra para ter um sentido e não outro. Ao mesmo tempo, é importante que se diga que, embora os sentidos possam ser múltiplos, eles não são quaisquer uns, porque há determinações históricas e ideológicas que os afetam. As FD representam no discurso as formações ideológicas, o que redundaria em dizer que os sentidos são determinados ideologicamente. Nas palavras de Orlandi (1999, p. 43): “Tudo que dizemos tem, pois, um traço ideológico em relação a outros traços ideológicos. E isto não está na essência das palavras, mas na discursividade, isto é, na maneira como, no discurso, a ideologia produz efeitos, materializando-se nele.” A AD comparece produtiva justamente aí: explicitar a maneira como linguagem e ideologia se articulam, produzindo sentidos.

As FDs podem ser compreendidas como regionalizações do interdiscurso (leia-se memória discursiva), configurações específicas dos discursos em suas relações.

Dito isto, pode-se dizer que:

ii. Em AD, é pela mobilização da(s) FD(s) que é possível compreender, no funcionamento discursivo, os diferentes sentidos em disputa. Para Orlandi (1999, p. 44), “Palavras iguais podem significar diferentemente porque se inscrevem em formações discursivas diferentes.”

Um exemplo disso é a palavra “greve” que não significa o mesmo para um trabalhador – que busca melhores condições materiais de trabalho – e para o empregador (aquele que detém os meios de produção) e vê a greve como um processo dispendioso, prejudicial para o lucro da empresa. Acrescente-se, ela não significa o mesmo para a mídia corporativa que a compreende como um processo que atrapalha o comércio, o trânsito e por aí vai. Trata-se, pois, de diferentes formações discursivas em disputas pelos sentidos.

No próximo capítulo, veremos que as representações sobre a enchente de 2024, no Rio Grande do Sul, são diferentes para os chargistas e para a mídia burguesa capitalista.

### 3.2 A charge e suas especificidades

Historicamente, as charges se consolidaram no âmbito jornalístico, mais exatamente nos jornais impressos. No entanto, a respeito de sua circulação, houve um deslocamento interessante na sociedade, fundamentalmente com o advento da internet: além dos sites jornalísticos, as charges passaram a ser veiculadas em sites exclusivos, blogs de chargistas, entre outros (Possenti e Carmelino, 2019).

Da perspectiva do analista de discurso, seu trabalho consiste, entre outros, interpretar as charges a fim de recuperar os enunciados e/ou fatos disseminados pela *mass media*, que fomenta sua criação. Como Possenti e Carmelino (2019, p. 33) asseveram:

Sem essas informações, torna-se difícil saber qual seu tema e mesmo compreender como o riso é suscitado. Se o leitor das charges não dispuser de informações sobre pessoas ou fatos a que elas aludem (informações que circulam na sociedade), ou seja, se não tiver uma memória de tais informações, não terá condições de descobrir seu sentido pretendido. Por isso, ela é especialmente relevante nesse gênero humorístico.

As charges são consideradas como produções humorísticas que “tendem a questionar, criticar, denunciar (talvez mais do que divertir)” (Possenti e Carmelino, 2019, p. 29), e que remetem a acontecimentos atuais e a pessoas populares.

Concordamos com Mota (no prelo) quando afirma:

a charge é um tipo/gênero no universo das artes gráficas com suas peculiaridades. Elas se caracterizam pelo jogo entre os planos verbal e não verbal conjuntamente, o que rompe com a ideia hegemônica de texto como um conjunto de palavras organizadas, formando um todo com começo, meio, progressão e fim. Enquanto texto, as charges funcionam majoritariamente pelo recurso da síntese, que estamos chamando, nesta pesquisa, de técnica de condensação: um tipo específico de elaboração dos sentidos.

Ou seja, as charges condensam acontecimentos em um único quadro, o que se diferencia dos textos quadrinizados (Mota, 2018). Daí a sua principal característica ser a condensação.

Outro aspecto fundamental no modo de constituição das charges é a sua relação com o político, ou seja, as charges inclinam-se à disputa de sentidos, colocando muitas vezes por terra interpretações hegemônicas veiculadas pela mídia hegemônica corporativa. Tal caráter as tornam um objeto discursivo sério, pois em sua grande maioria trazem para dentro da cena discursiva temas caros à sociedade. A este respeito, as palavras de Brito e Mota (2024) vão ao encontro disso que estamos afirmando:

A manifestação da crítica leva-nos a afirmar que as charges não são um mero objeto de entretenimento e brincadeira; elas implicam relações sociais e políticas sérias, funcionando muitas vezes como forma de posicionamento político e crítica social contundente. (Brito; Mota, 2024, p. 123).

Neste trabalho, as noções de *ethos* (Maingueneau, 1984 e 1998), de memória discursiva (Courtine, 2009; Pêcheux, 1999), ironia e a sátira serão mobilizadas, já que são profícuas no processo de compreensão dos sentidos produzidos nas/pelas charges. Começemos pelo *ethos*.

O termo *ethos* é originário da Grécia e apropriado por pesquisadores vinculados à Teoria do Discurso. Para Maingueneau (1998), todo discurso engendra representações dos enunciadores aludidos na cena discursiva. O discurso é proferido em certo tom, o que implica uma corporalidade e um caráter, traços físicos e psicológicos, que, segundo Carmelino e Possenti (2019, p. 35), são traços atribuídos ao enunciador pelo leitor por meio de representações estereotipadas.

Em Pêcheux (1999, p. 11), o conceito teórico de memória é relativo a algo da ordem do coletivo, do implícito, que funciona na estruturação do discurso que constitui “a materialidade de uma certa memória social”. Neste sentido, da perspectiva do discurso, a memória não é somente uma lembrança, mas é estruturante e coletiva, já que remete a elementos anteriores e exteriores a um enunciado. A esse respeito, Courtine (2009) afirma que há dois movimentos entre memória e discursividade: o primeiro é da ordem do esquecimento (apagamento), enquanto o segundo da retomada de discursos.

No trabalho de análises das charges, a retomada é um aspecto fundamental, já que elas dizem respeito à recuperação de formulações enunciadas alhures. Nas palavras de Courtine (2009, p. 104), “toda formulação apresenta em seu ‘domínio associado’ outras formulações que ela repete, refuta, transforma, denega, isto é, em relação às quais ela produz efeitos de memória específicos<sup>12</sup>”.

A ironia, aspecto discursivo constitutivo das charges, apresenta um funcionamento que atesta a afirmação de Pêcheux (1983, p. 53) de que “todo enunciado é intrinsecamente suscetível de tornar-se outro”, ou seja, o autor defende que, longe de ficar alienado, paralizado em uma região de interpretação, o sentido pode deslocar-se para outras regiões que lhe é distinta, abrindo espaço à interpretação. Segundo ele, é a presença do *outro* nas sociedades e na história que permite a abertura para pontos de deriva possíveis, compreendidos estes pontos como espaços que permitem ao leitor interpretar a partir de sua inscrição em determinado contexto histórico de produção.

Na pesquisa empreendida por Brait (1996, p. 58), na ironia funciona

[...] um discurso que através de mecanismos dialógicos oferece-se basicamente como argumentação indireta e indiretamente estruturada, como paradoxo argumentativo, como afrontamento de ideias e de normas institucionais, como a instauração da polêmica ou mesmo como estratégia defensiva.

Discursivamente, a ironia atesta a incompletude da linguagem, que se fundamenta no fato de que todo discurso estabelece relação com outros discursos e com a situação (contexto sócio-histórico e ideológico) em que é engendrado.

Em seu artigo, Orlandi (1983) assevera que faz parte da ironia o rompimento com processos de significação estabelecidos institucionalmente. Para a autora, a ironia abre para o equívoco da língua, sua possibilidade de poesia, tal como Pêcheux (1983) vislumbra. Na mesma via, Ferreira (2000) afirma que o equívoco instaura a ruptura no fio do discurso, resultando na possibilidade de fazer e desfazer sentidos.

Nesse sentido, a ironia abre para a resignificação dos sentidos, das palavras, como declaram Mota e Souza (2024):

---

<sup>12</sup> Vale dizer que o conceito de memória permite a compreensão de que não falamos a partir de nada, mas, isto sim, retomando discursos já produzidos em outro(s) lugar(es).

Um ponto importante a ser considerado a respeito de seu funcionamento é o fato de que a ironia aponta para a relativização dos significados, isto é, nela e por meio dela as palavras são ressignificadas quando produzidas em uma enunciação específica. (Mota; Souza, 2024, p. 4).

Finalmente, a sátira é um modo de produção de sentidos que inclui o humor, a ironia e o exagero. Discursivamente, a sátira é pensada como um recurso estético linguageiro bastante presente em charges. Para Figueira (2019), a sátira “prescinde da repetição (mesmo que por vezes recorra a ela) e apresenta um teor crítico (eventualmente, ideológico) acentuado – ela ridiculariza e ataca seu objeto”.

Com base em tudo o que foi dito até aqui, reconhecemos que as charges são um material fecundo para a análise discursiva e compreensão de seu processo de significação como expressão de conflitos de classes, posicionamentos ideológico-políticos antagônicos e contraditórios, evidenciando diferentes posições de sujeito no discurso.

#### 4. ANÁLISE DISCURSIVA DAS CHARGES

Neste tópico, pretendemos trazer para a consideração a análise de três charges de cada um dos cartunistas brasileiros selecionados para a presente pesquisa, são eles: Carlos Latuff, Jota Camelo e Nando Motta, totalizando 9 charges produzidas na ocasião da enchente de 2024 que acometeu o estado do Rio Grande do Sul.

Reiterando, o objetivo consiste em compreender o funcionamento discursivo dessas charges<sup>13</sup>, mais exatamente as representações discursivas das enchentes no Rio Grande do Sul, em 2024, bem como do governo de Eduardo Leite que apareceram e circularam nas charges dos aludidos cartunistas.

Nosso objetivo é compreender o caráter material dos sentidos que permeiam as charges. Vale dizer que, discursivamente, quando falamos em “caráter material”, estamos nos referindo ao Materialismo Histórico, um dos elementos do tripé no qual a AD se apoia, o que significa que temos que levar em consideração, na análise, a formação social capitalista e o antagonismo de classes. Para melhor explicar, o que estamos dizendo é que, para compreender o modo como os sentidos são produzidos, é necessário mobilizar a noção de História da perspectiva do Materialismo Histórico-Dialético. Lembramos que, na AD, a referência à História só se justifica a partir da análise dos efeitos das relações de classe sobre as práticas linguísticas de uma formação social dada. Daí a afirmação de Michel Pêcheux (2011) em seu artigo *As massas populares são um objeto inanimado?*:

No terreno da linguagem, a luta de classes ideológica é uma luta pelos sentidos das palavras, expressões e enunciados, uma luta vital por cada uma das duas classes sociais opostas que têm se confrontado ao longo da história. Essa luta continua hoje como uma luta revolucionária incessante contra o estágio final do capitalismo.

Posto isso, iniciaremos com as charges de autoria de Carlos Latuff. Trata-se de uma série de charges desse artista que retratam a tragédia das enchentes no Rio Grande do Sul a partir das quais é possível ler o mesmo enunciado abaixo da assinatura: “no olho do furacão”. Isto se dá em razão de Carlos Latuff ser gaúcho e morar em Porto Alegre; ele vivenciou e registrou a tragédia<sup>14</sup>. Segue o recorte 1:

---

<sup>13</sup> A título de esclarecimento, Carlos Latuff e Nando Motta são jornalistas e cartunistas da TV 247, enquanto Jota Camelo é filiado ao PCO (Partido da Causa Operária), partido que se pauta nos ideais de Leon Trótsky, considerado de esquerda revolucionária.

<sup>14</sup> Para melhor explicitar, a expressão “No olho do furacão!”, abaixo da assinatura do cartunista, indica que Latuff vivenciou a tragédia, uma vez que mora no Rio Grande do Sul, na cidade de Porto Alegre, onde aconteceu a tragédia. Ou seja, ele é testemunha ocular do fatídico acontecimento.

### Charge 1: RS



Nesta charge predomina-se a linguagem visual, no entanto não podemos negligenciar o verbal tanto na canoa (a sigla do Estado, RS) quanto nos coletes dos políticos Melo (prefeito de Porto Alegre), à esquerda da charge, e Leite (governador do Rio Grande do Sul), à direita.

A barca simboliza o estado do RS, que ficou em situação caótica em razão da enchente. Observe-se que há um jorro d'água saindo do meio do barco, enquanto ao fundo, uma tempestade pesada com nuvens cinzas escuras e trovões. À direita, ao fundo, um poste de luz e à esquerda, uma casa inundada pela enchente.

No primeiro plano, um morador acena em vão com a mão para fora se afogando, já que os dois homens (políticos) estão preocupados em tirar a água da canoa. A mão acenando está funcionando como metonímia das vítimas (representa a população pobre atingida), enquanto os políticos, retratados com as calças arregaçadas, estão preocupados em tirar a água do barquinho.

A charge faz irromper uma memória relacionada com a expressão popular “canoa furada”, e representa metaforicamente os problemas estruturais do Estado. A ação de ‘tirar a água da canoa’ representa metaforicamente medidas paliativas e indica que se trata de um estado “furado”, “quebrado”, “deficiente” em razão de sua agenda neoliberal.

Ademais, no plano visual, a *canoa furada* representa a falta de investimento, de manutenção das comportas e de estrutura em geral do estado, o que torna essa medida – de tirar

a água com balde – insuficiente<sup>15</sup>. Em outras palavras, a canoa é metáfora do estado do RS: malcuidado, malgovernado. Em geral, a charge mostra o sofrimento do povo atingido e os políticos indiferentes, lidando de modo emergencial com a enchente; isto é, não resolvem o problema central do Estado, que descuidou da infraestrutura.

Da metáfora visual “canoa furada”, formulamos a seguinte família parafrástica:

<b>Família parafrástica<sup>16</sup></b>	
<b>Canoa furada</b>	falta de investimento
	falta de estrutura
	indiferença às pessoas que estão morrendo
	medida paliativa
	estado mínimo
	neoliberalismo

Retomando: os políticos retratados são os agentes da política neoliberal adotada. Na charge, é possível observar a indiferença à tragédia e à dor das pessoas e a cara de desdém dos políticos. Observe-se a expressão de nojo misturada com irritação em suas faces.

Como já dissemos, a vítima está morrendo sob os olhares indiferentes dos gestores neoliberais, que estão mais preocupados com a água que invade a canoa do que com a vítima que está se afogando.

Observemos a charge a seguir do mesmo cartunista:

<sup>15</sup> Vale dizer que a situação que o chargista retrata é a tradução visual (não verbal) da expressão linguística “canoa furada”.

<sup>16</sup> Para a AD, *família parafrástica* é um conceito teórico que se refere a um conjunto de expressões ou palavras que têm um significado semelhante ou relacionado, mas que são utilizadas em contextos diferentes para reformular ou dar ênfase a um discurso. Nas análises, a sua mobilização mostra-se bastante produtiva, já que permite compreender o processo histórico de significação do discurso.

### Charge 2: A grande onda climática



Esta charge é de autoria de Carlos Latuff. Nela há uma grande onda tingida de laranja ao fundo, enquanto, no segundo plano, há nuvens sombrias e trovões. A canoa minúscula comparece como metáfora do tipo de governo adotado, qual seja: um governo que prima pelo Estado mínimo.

Diferentemente da charge 1 em que aparece o nome do estado na canoa, nesta, por sua vez, lemos a formulação “estado mínimo”, o que serviria para qualquer estado. Desse modo, não é só o Estado RS que está implicado; a metáfora é da própria concepção de estado pressuposta pelo neoliberalismo: o estado mínimo. O pequeno barco diante de uma enorme onda prestes a engolir os dois homenzinhos, indica sua insuficiência para as ditas mudanças climáticas. A esse respeito, vale uma breve reflexão.

Nesta charge, observamos que Latuff identifica-se ideologicamente (e inconscientemente) com o discurso neoliberal que justifica as tragédias como decorrentes das mudanças climáticas e não por causa da agenda neoliberal adotada. De nossa posição, o discurso sobre as mudanças climáticas parece um tanto controverso e, mais que isso, equivocado afirmar que a causa da enchente de 2024 ou de qualquer outra é devido meramente à mudança climática.

Trata-se de um discurso que apaga (desconsidera) as responsabilidades da gestão do estado e de seus governantes<sup>17</sup>.

Nesta charge, Latuff enuncia desse lugar ideológico, o mesmo discurso dos imperialistas e neoliberais ou, nas palavras de Naomi Klein (2008), *dos capitalistas do desastre*.

A formulação enunciada por um dos personagens “Vamos precisar de um barco **bem** maior....” estabelece intertextualidade com o filme *Jaws* (Tubarão), de Steven Spielberg, ou seja, ela faz referência à fala de um dos personagens desse filme ao ver o monstro gigante (tubarão) que eles deveriam enfrentar (“We will need a bigger boat”). Na charge, há o acréscimo do advérbio “bem” para enfatizar a diferença de tamanho entre barquinho e mudanças climáticas. Tanto o filme quanto a charge estão apontando para o estado mínimo, a causa e a piora da tragédia.

Observemos a charge 3, que segue abaixo:

---

<sup>17</sup> Da perspectiva materialista, essa questão – e porque não dizer *discurso* – das ‘mudanças climáticas’ tem sido comumente mobilizada(o) para impedir que os países pobres se desenvolvam. Trata-se, portanto, de uma pauta política estabelecida pelos países ricos (países do G7), imperialistas, que busca forçar a descarbonização da economia dos países pobres, enquanto eles continuam adotando a exploração e dominação intensa da carbonização. Vale dizer que esse discurso faz parte da quarta fase do capitalismo oligopolista: eco-ideológico, também conhecido por alguns teóricos como GESTAPO VERDE. Nas palavras de Felício (2014, p. 263), “[...] o que se vem implementando é uma política internacional de algo que poderíamos pré-definir como um eco-imperialismo. Driessen vai responder bem todas essas colocações, em *green power, black death*, de 2003 (ONÇA et al. 2010). A pseudociência do AGA, vem LEGITIMAR um processo de mitigação de energias, de venda de novos produtos e de instituição de um poder internacionalizado. Para isto, faz-se necessário criar grandes problemas que vão instigar os medos da humanidade, como dito anteriormente. Esses “problemas planetários” serão os alicerces apresentados pela Teoria da Tríade (FELICIO et al. 2010), ou seja, as “mudanças climáticas”, o “aquecimento global” e o “caos ambiental” sustentam toda esta trama. Mas, para resolver tudo isto, basta fazermos compras, com produtos verdes e ecologicamente corretos, que salvaremos o planeta. Simples assim. Salve o planeta fazendo compras. Substitua o eficiente pelo inepto. Troque seus hábitos de vida e assim por diante. [ironia do autor]. O que observamos é que toda vez que algo fica ecológico, toma uma pintura de verde, **o lucro sempre aparece embutido em três etapas: elevação de preços, recebimento de subsídios, redução de impostos**. Assim, quem paga a conta sempre é o cidadão, diretamente, quando compra o produto, ou indiretamente, pela ação do Estado benevolente ao empreendedor “verde”. Sim, ser sustentável tornou-se muito lucrativo e a legitimidade desta não é sequer colocada em questionamento, muito menos discutida (SCOTTO et al., 2007)”. (Os termos em negrito são nossos). Diversos outros autores, sensíveis e críticos a essa questão, têm contribuído no plano (luta) das ideias, conferir: Lino (2009); Blüchel (2008); Carrasco, Lino e Palacios (2001); Felício e Onça (2010); Durkin (2005), Onça (2011).

### Charge 3: O povão, os bancos



Nesta charge, o enunciador faz um contraponto entre *o povo que ajuda* e *o banqueiro que quer lucrar com a tragédia*. Noutros termos, contrapõem-se, de um lado, o povão, que não tem dinheiro mas ajuda às vítimas da enchente e, de outro lado, os banqueiros, representantes de instituições financeiras que se aproveitam da situação, buscando o lucro. O cifrão nos olhos e ao redor da cabeça do banqueiro significa o interesse financeiro na tragédia em questão, típico do capitalismo do desastre do qual Naomi Klein magistralmente retratou em sua obra, como já assinalamos. A camiseta de cor vermelha da moça pode ser associada à esquerda que, de acordo com a cromatografia política, é historicamente significada como a cor de partidos revolucionários, portanto, contrários à exploração e à dominação capitalista.

Note-se que o jogo está na oposição entre *doação* (perda, privação para a vítima) e *empréstimo* (linha de crédito, financiamento, lucro). Ou seja, contrapõem-se duas classes sociais diferentes: a classe oprimida e a classe opressora (ou dominante, que detém os meios de produção).

Uma paráfrase possível para esta charge pode ser:

TRAGÉDIA	
<i>POVO</i>	<i>BANQUEIROS</i>
O povo doa.	Os bancos emprestam.
Ajuda.	Empresta.
Filantropia.	Misantropia.

A seguir, vamos analisar as charges de J. Camelo.

#### Charge 4: Governo decorativo



Nesta charge, há um jogo irônico entre o verbal e o visual. Enquanto a água da enchente cobre tudo, moradores e animais se refugiam no telhado. Note-se que os homens estão descabelados e vestidos com roupas em farrapos e os bichinhos estão horrorizados diante da tragédia.

O título da charge “Governador decorativo” sinaliza que se trata de um governador inútil, ineficiente.

Note-se que o termo ‘almofadinha’, na charge, tem relação com ineficiente: “O almofadinha do Leite não tá fazendo porra nenhuma”. Enquanto o primeiro homem refere-se a

*fazer* > *governar*, o segundo, por sua vez, interpreta ao pé da letra. O verbo “fazer” permite o equívoco da língua: “Pára de espalhar fakenews, tchê! Ontem ele foi no show da Ivete Sangalo”.

Noutros termos, o humor é extraído do equívoco que o verbo “fazer” permite. Enquanto na fala do primeiro homem o verbo refere-se a governar (*fazer* > *governar*), no segundo, por seu turno, significa *fazer qualquer coisa*, no caso ir ao show da artista. A comicidade é extraída do equívoco que o verbo ‘fazer’ gera. Ironicamente, ir ao show da artista é fazer NADA, o que desqualifica não somente o governo, como também a artista Ivete Sangalo. Em síntese, a charge faz uma crítica ao governador, representando-o como um inútil que não faz nada e que prefere ir a um show do que governar propriamente.

Observemos a charge 5 abaixo:

### Charge 5: Leite neoliberal, é tomar e passar mal



Esta charge traz um chiste verbal: leite (bebida láctea) e Leite (nome do governador). *Leite neoliberal* refere-se à agenda econômica do governador Eduardo Leite que “*causa catástrofes*”.

Observe-se que a charge imita as formas publicitárias utilizadas para vender produtos. O enunciado no topo da garrafa “*Ministério da saúde adverte: Leite causa catástrofes*” na relação com os demais “*Leite neoliberal – é tomar e passar mal*”, “*Já vem azedo*” e “*Estado*

*mínimo. Privatização*” dialogam com a imagem ao fundo, qual seja: pessoas na enchente desamparadas.

Desses enunciados é possível depreender o campo semântico que a charge coloca em evidência. Ela traz em seu bojo o campo semântico censurado tanto pelo governo de Eduardo Leite quanto pela mídia *mainstream*, qual seja:

catástrofes – neoliberal -- estado mínimo – privatização

Tais palavras formam um campo semântico ligado a uma formação discursiva crítica a qual o cartunista está filiado ideologicamente. Tal formação discursiva confronta a formação discursiva dos meios de comunicação hegemônicos e governamental, que interpretam a enchente como um mero problema climático, silenciando os aspectos políticos e econômicos que estão em sua base. Dito de outro modo, elas contrariam a formação discursiva hegemônica – a da mídia burguesa corporativa – que corrobora a versão do governador, de que se trata de uma mera fatalidade, catástrofe natural. A charge é uma denúncia de que ele não tomou medidas para evitar a catástrofe, o que significa que, longe de ser natural, ela é decorrente da gestão pública assumida.

Note-se que Jota Camelo faz uma caricatura do governador Eduardo Leite: engrossa as sobrancelhas e barba, além das olheiras. Ao fundo, coloca-se a foto das pessoas na enchente, mostrando a tragédia.

Pelo jogo de sentidos que a charge traz, a enchente é o efeito que a ingestão desse leite (leite azedo) pode causar: indigestão/gestão que é resultado da agenda neoliberal adotada pelo governo. Em resumo, a charge focaliza o tipo de política econômica adotada pelo governo do Rio Grande do Sul. Os efeitos não seriam tão destrutivos se não fosse pela política econômica neoliberal adotada.

### Charge 6: Agenda pra hoje



Na charge 6, mais uma vez a figura do governador Eduardo Leite é satirizada não somente por meio do plano visual (não verbal), como também do verbal. Além das sobrancelhas engrossadas, barba e olheiras, em seu colete lê-se o nome *Leite Azedo*, sinalizando que se trata de um governo cuja pauta (neoliberal) produz males (indigestão), em virtude da má gestão da bebida estragada. Há um jogo entre *leite azedo*, *indigestão* e *gestão*.

A charge mostra que o governador está mais preocupado com a imagem do que com a tragédia propriamente. Enquanto Eduardo Leite dá entrevista, veem-se casas submergidas pela enchente no plano de fundo da charge.

Todas ações demagógicas dão a impressão de que está fazendo alguma coisa e de que é empático e ativo: “*Dar entrevista pra Globo, tirar fotos abraçando um cachorrinho e desfilando de jaleco*”. O colete corrobora a ideia de que ele está fazendo alguma coisa.

Em suma, a charge mostra que o foco do governador está em uma agenda demagógica, além de criticar como a autoridade procede aos acontecimentos. Como a charge sinaliza, trata-se de uma agenda de aparência que beneficia mais a imagem do Governo do que a própria tragédia e as vítimas.

As próximas charges são de autoria do chargista Nando Motta.

### Charge 7: Máximo e mínimo



Na época da enchente, o Governo Federal criou o Ministério da Reconstrução do Rio Grande do Sul para mitigar a crise e nomeou o ministro Paulo Pimenta, que é gaúcho, para atuar no referido Estado.

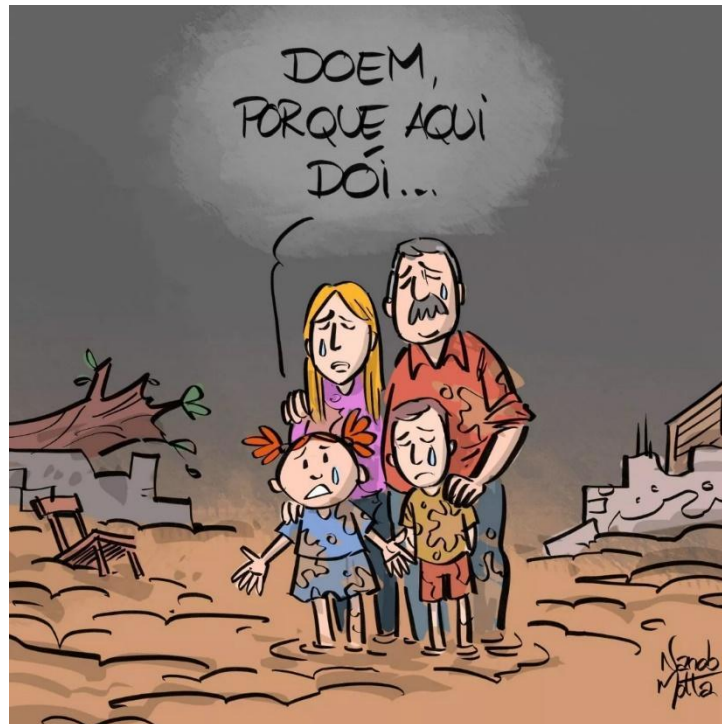
Na charge, há um jogo com as palavras de caráter chistoso. A expressão ‘mínimo’ na fala do governador remete ao neoliberalismo, que se refere a uma visão sobre o papel do Estado na sociedade, defendendo uma intervenção restrita nas atividades econômicas e sociais. Como vimos em capítulo anterior, para essa perspectiva, o Estado deve atuar somente para garantir a ordem pública, “proteger” os direitos individuais e “promover” a segurança, sem se envolver na economia e nos assuntos sociais.

Note-se que o cartunista se apropria de duas vozes sociais distintas que aparecem no eixo da formulação (intradiscurso): uma que é a favor de fazer o máximo para ajudar na catástrofe (“*Calma, Leite, estamos aqui pra fazer o máximo*”), e o outro, do estado mínimo (“*É que eu sou a favor do mínimo*”), isto é, a favor de um Estado reduzido com a maior parte das funções sociais e econômicas transferidas para o mercado ou para a sociedade civil. Uma paráfrase possível para a fala do governador na charge é: “Sou a favor do Estado neoliberal.”

De modo sucinto, a charge foca nas causas, isto é, na política econômica que gera/gerou o problema.

Observemos a charge a seguir:

**Charge 8: Doem, porque aqui dói...**



Nesta charge, há um jogo com a forma dos verbos *doar* e *doer*, mais exatamente o verbo *doar* conjugado no plural “doem” é homógrafo do verbo *doer*, quando de sua conjugação no plural (doem)<sup>18</sup>. Isto é, o imperativo do verbo *doar* (segunda pessoa plural) é homógrafo do verbo *doer* (terceira pessoa do plural).

Como é possível notar, a charge foca na doação e faz isso por meio do jogo de palavras que a homografia existente entre os verbos *doer* e *doar* permite. Ou seja, é graças a essa homografia que o jogo chistoso com os referidos significantes é garantido.

Diferentemente da charge 7, esta faz apelo à denúncia e ao compadecimento com as famílias que foram atingidas pela enchente. Portanto, o foco não é a política, mas a compaixão e a empatia.

Vale aqui uma breve consideração. Nesta charge, embora não esteja explícito, está funcionando o discurso cristão, mas certamente de compaixão pelas vítimas atingidas pela enchente. Lembremos que o socialismo (o discurso socialista) também é constituído historicamente pelo afeto da compaixão pelos mais fracos, explorados e oprimidos do mundo. No contexto de emergência da enchente, o enunciador pede doações, como foram pedidas por muitos em vários lugares do Brasil diante desse acontecimento.

<sup>18</sup> Constituída de distintos significados, assim como a sonoridade, as palavras homógrafas são aquelas que apresentam a mesma grafia.

É importante notar que esse discurso tem um caráter diferente dos outros que permeiam as demais charges, que geralmente criticam e denunciam as causas e consequências dos problemas gerados pela enchente.

Vejamos a charge 9 a seguir, última que compõe o nosso corpus analítico:

### Charge 9: Tristeza...



Nesta charge, as palavras são representadas boiando em meio às águas da enchente. Recordamos que o que está implicado nas enchentes e é retratado na charge é justamente o que se perdeu com ela: amigos, conquistas, famílias, sonhos, amores, desejos, lares, entre outros. Veem-se, no plano de fundo, casas cobertas pelas águas barrentas da enchente. Portanto, trata-se de uma charge que se assenta entre denúncia e lamento. A questão política é apagada, se comparada com a charge 7, do mesmo cartunista.

Notamos que as duas últimas charges (8 e 9) de Nando Motta focalizam as consequências; já no caso da charge 8, além das consequências, ela está filiada a uma FD cristã, trazendo para a cena discursiva o tema da doação àqueles que sofrem.

O tema das inundações que atingiram o Rio Grande do Sul neste ano de 2024 foi o foco dos chargistas nacionais e internacionais. Como vimos, salvas as poucas diferenças ideológicas e estéticas, as charges que constituem o nosso corpus representam, no plano do imaginário, a enchente que, como vimos afirmando, é decorrente da política econômica neoliberal adotada pela governança do estado.

As inundações poderiam ter sido evitadas se o governo não tivesse ignorado o relatório emitido pela Assembleia Legislativa em que existiam várias iniciativas que o Governo do Estado deveria tomar como, por exemplo, maior investimento nas áreas de prevenção, na área da defesa civil e uma legislação mais rígida com a questão da preservação ambiental.

É com base nisso que vimos afirmamos que se trata de um governo antiambiental que prima essencialmente pela privatização de bens comuns como a água e a energia, a entrega de patrimônios públicos como a Companhia de Gás do Rio Grande do Sul (Sulgás), a Companhia Riograndense de Saneamento, a Companhia Estadual de Energia Elétrica (CEEE), além da tentativa de privatizar as principais Unidades de Conservação e o Jardim Botânico. Há também o objetivo de desmonte de órgãos públicos como a Secretaria Estadual do Meio Ambiente (SEMA). (BRASIL DE FATO, 2023).

Desnecessário aprofundamento para saber que acontecimentos como a enchente de 2024 é uma crise gerada, tornando-se uma grande oportunidade aos capitalistas de desastre, peritos em arquitetar formas lucrativas de reparação. Assim que as águas baixaram, os governos neoliberais do Rio Grande do Sul, incluindo aí as prefeituras – em especial a de Porto Alegre – , iniciaram o processo de capitalização de soluções “inovadoras” promovidas por corporações por meio de projetos de reconstrução das cidades atingidas, bem ao gosto do capitalismo de desastre. Nessa lógica, as vidas são o que menos importam.

Guardadas as devidas diferenças, a argumentação que as charges trazem em seu bojo subverte a lógica discursiva produzida e difundida pela mídia corporativa (nacional e internacional, cf. Anexos), que funcionam no sentido de apagar as responsabilidades das gestões públicas dos governos (governo e prefeituras) em favor da agenda neoliberal econômica. Só para citar um exemplo, basta observar a construção e seleção léxico-sintática da matéria produzida pelo Jornal O Globo, de 03 de maio de 2024:

## **Tragédia provocada por chuvas torrenciais no Rio Grande do Sul gera repercussão internacional; veja**

A partir da consideração da forma linguística mobilizada, observa-se que o enunciador, na figura da corporação *O Globo*, responsabiliza as chuvas pela tragédia. Portanto, nessa via, o problema causador da tragédia são as chuvas e não a gestão irresponsável do governo de Eduardo Leite e companhia. Outras matérias jornalísticas que focalizaram o tema da enchente de 2024 no RS seguem nessa mesma direção argumentativa, discursiva. Por seu lado, como

vimos, as charges, por meio de seus recursos linguístico-discursivos e estéticos, deslocam o discurso da mídia burguesa capitalista, desnudando o que ele dissimula: privatizações, desmontes, entrega de patrimônios públicos para capitalistas de desastre, entre muitos outros.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apoiados na perspectiva da Análise de Discurso Materialista na interface com estudos sobre o capitalismo e neoliberalismo na economia, esta pesquisa teve por objetivo analisar o funcionamento discursivo de nove charges de cartunistas brasileiros que abordaram o tema da enchente de 2024, ocorrida no estado do Rio Grande do Sul, buscando compreender as representações sobre este acontecimento, bem como as imagens da gestão pública de Eduardo Leite, governador do estado.

Para esta pesquisa, escolhemos trabalhar com charges de três cartunistas brasileiros conhecidos pela filiação a um pensamento desenvolvimentista e a uma esquerda de cunho nacionalista: Carlos Latuff, Nando Motta e Jota Camelo. Do conjunto de trabalhos produzidos por esses artistas sobre o tema das enchentes, selecionamos três charges de cada, totalizando nove charges. O critério para a escolha dessas charges foi a hiper visualização e compartilhamento nas redes sociais.

Na mídia burguesa capitalista, observamos uma tendência para tratar o problema das enchentes no Rio Grande do Sul como uma questão relativa às mudanças climáticas – o mesmo discurso promovido e difundido pelos países do G7, o que deve ser visto, a nosso ver, com máximo de desconfiança e crítica – do que como problema propriamente concernente à economia política neoliberal adotada pelo referido estado. Na maior parte das charges analisadas, como vimos, o aspecto da economia política é abordado com mais consequência com um tom de crítica e denúncia, justamente porque os chargistas estão filiados política e ideologicamente a um discurso desenvolvimentista, como já dito. Esse discurso aparece, de modo contundente, em todas as charges de Jota Camelo analisadas, enquanto em Latuff, em duas delas. Vimos que, na charge 2, Latuff identifica-se ideologicamente ao discurso das mudanças climáticas, resultando no apagamento do caráter político e econômico que está na base das enchentes no RS, e aproximando-se do discurso imperialista sobre o tema.

Assim sendo, por meio do movimento analítico feito, pudemos observar que, enquanto Jota Camelo se concentra nas causas do problema que geraram a enchente, isto é, na política baseada numa agenda neoliberal que produziu o desastre e seus efeitos, Carlos Latuff, por sua vez, foca nas consequências do acontecimento. Há uma crítica em suas charges às autoridades que deixaram a enchente acontecer novamente (em 2024). Por outro lado, das três, duas charges de Nando Motta se assentam num movimento de sentidos entre denúncia e lamento, resultando no apagamento da questão política e econômica que está na base do acontecimento ‘enchente’.

Assim, embora retrate o acontecimento das enchentes, o modo de sua abordagem despolitiza o debate.

Esperamos que esta pesquisa possa contribuir, de alguma forma, tanto com os estudos do neoliberalismo na gestão pública, quanto com os estudos da linguagem, mais exatamente no que tange ao funcionamento discursivo das charges brasileiras.

Nosso objetivo é seguir adiante, no âmbito da pós-graduação, com o tema das charges na relação com o cenário político brasileiro, focando e aprofundando nossa compreensão sobre a política econômica neoliberal que atravessa a gestão pública na atualidade.

## Referências

- ALMEIDA, Daniella. Número de mortos por causa das chuvas no RS sobe para 182. Agência Brasil. 09/07/2024. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2024-07/numero-de-mortos-por-causa-das-chuvas-no-rs-sobe-para-182>. Acesso em: 02 ago. 2024
- ANDRADE, Daniel Pereira. O que é o neoliberalismo? A renovação do debate nas ciências sociais. **Revista Sociedade e Estado**, v. 34, n. 1, janeiro/abril 2019, p. 211-239.
- ANTUNES, Ricardo. Neoliberalismo, reestruturação produtiva e mudanças no mundo do trabalho. Revista da Faculdade de Direito de Campos, Ano II, nº 2 e Ano 111, Nº 3, 2001-2002.
- A HIDROGRAFIA DO RS. **Projeto Rio Grande, Tchê!** Disponível em: <https://projetoriograndetche.weebly.com/a-hidrografia-do-rs.html#:~:text=O%20Rio%20Grande%20tem%20o,na%20linha%20de%20limite%20com>. Acesso em: 7 nov. 2024.
- BRITO, Nayara Sousa; MOTA, Ilka de Oliveira. A derrubada de Dilma Rousseff nas charges de Carlos Latuff : uma análise discursiva. *Revista de Estudos de Literatura, Cultura e Alteridade - Igarapé*, 17(1), 119–135, 2024.
- BROWN, Wendy. **Nas ruínas do neoliberalismo**: a ascensão da política antidemocrática no ocidente. São Paulo: Editora Filosófica Politeia, 2019.
- CARMELINO, Ana Cristina; POSSENTI, Sírio. Charge, memória e polêmica: o caso Bolsonaro. *Revista Diálogos Pertinentes*, v. 15, nº. 2, p. 27-50, 2019.
- CORACINI, Maria José Faria. “O olhar da ciência e a construção da identidade do professor de língua”. In: Maria José Rodrigues Faria Coracini e Ernesto Sérgio Bertoldo. (orgs.). **O desejo da teoria e a contingência da prática. Discursos sobre-na sala de aula de língua materna e língua estrangeira**. Campinas, SP: Mercados de Letras, p. 193-210, 2003.
- COURTINE, Jean Jacques. **Análise do discurso político**. São Carlos: EdUFSCar, 2009.
- DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. **A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal**. São Paulo: Boitempo. Tradução Mariana Echalar, 2016.
- DURKIN, M., 2005. The Great Global Warming Swindle. BBC, Londres. Inglaterra. Documentário de 2h, 2005.
- FELÍCIO, Ricardo Augusto. “Mudanças Climáticas” e “Aquecimento Global” – Nova Formatação e Paradigma para o Pensamento Contemporâneo? *Revista Ciência e Natura*, Santa Maria, v. 36, Ed. Especial, 2014, p. 257–266. *Revista do Centro de Ciências Naturais e Exatas – UFSM*.
- FELICIO, R.A., ONÇA, D. S. “Aquecimento Global”, “Mudanças Climáticas” e “Caos Ambiental” Justificando o Falso “Desenvolvimento Sustentável”: A Teoria da Tríade VI Fórum Ambiental da Alta Paulista, 2010.

FERREIRA, Maria Cristina Leandro. Da ambiguidade ao equívoco: a resistência da língua nos limites da sintaxe e do discurso. Porto Alegre: Editora da Universidade do Rio Grande do Sul, 2000.

FIGUEIRA, Filipo Pires. **Memória discursiva e sátira política**: a paródia da (auto)designação “cidadão de bem” pelo The Piauí Herald. Estudos Linguísticos. São Paulo. 1978, v. 48, n. 1, p. 227, abr. 2019.

FIORI, José Luís. **Os moedeiros falsos**. Petrópolis: Vozes, 1997.

FOUCAULT, Michel. **Arqueologia do saber**. Petrópolis; Lisboa: Centro do Livro Brasileiro, 1972.

FRIEDMAN, Milton. **Capitalismo e liberdade**. Tradução de Afonso Celso da Cunha Serra. 1. ed., 5. reimpr. Rio de Janeiro: LTC, 2020.

FRANCISCO, Wagner de Cerqueira. "Economia do Rio Grande do Sul"; Brasil Escola. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/brasil/economia-rio-grande-sul.htm>. Acesso em: 4 dez. 2024.

G1. Entenda como cheias no RS tornaram rios mais rasos e como isso pode agravar novas enchentes. Disponível em: <https://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2024/06/07/entenda-como-cheias-no-rs-tornaram-rios-mais-rasos-e-como-isso-pode-agravar-novas-enchentes.ghtml>. Acesso em: 4 dez. 2024.

GUIMARÃES, Saulo Pereira. Cronologia de Enchentes no Rio Grande do Sul revela tragédia anunciada; veja UOL. 10/05/2024. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2024/05/10/cronologia-enchente-chuvas-rio-grande-do-sul-2024-tragedia-sem-precedente.htm>. Acesso em: 20 ago. 2024.

GRANDE Enchente de 2024 e os ecos do desastre de 1941. 02/05/2024. METSUL - Meteorologia. Disponível em: <https://metsul.com/grande-enchente-de-2024-e-os-ecos-do-desastre-de-1941/>. Acesso em: 1 set. 2024.

HARVEY, David. **O Neoliberalismo: História e Implicações**. São Paulo, Edições Loyola, 2008.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. **Cidades e Estados**. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/rs.html>. Acesso em: 2 nov. 2024.

KLEIN, Naomi. **A doutrina do choque: A ascensão do capitalismo de desastre**. Tradução de Vania Cury. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

LINO, G. L., CARRASCO, L., PALACIOS, S., COSTA, N., 2007. Fabricando uma “emergência global”. A Fraude do Aquecimento Global. Ed. Especial março/2007, 24 pp.

LINO, G.L., **A Fraude do Aquecimento Global**. Rio de Janeiro, RJ: CAPAX Dei Editora, 2009.

MAINGUENEAU, Dominique. **Termos-chave da análise de discurso**. Trad. M. V. Barbosa e M. E. A. T. Lima. Belo horizonte: Editora da UFMG, 1998.

MARIANI, Bethania. **O PCB e a imprensa. Os comunistas no imaginário dos jornais (1922-1989)**. Rio de Janeiro: Revan; Campinas, SP: UNICAMP, 1998.

MOTA, Ilka de Oliveira. **O conflito em Gaza nas charges de Carlos Latuff: um estudo discursivo**. In: ROSA, M.; RUBBO, D.; PEIXOTO, M. Discurso, desconstrução e psicanálise no campo da Linguística Aplicada: encontros com Maria José Coracini. (no prelo).

MOTA, Ilka de Oliveira; SOUZA, Vitoria Lourdes Brito. Entregadores de aplicativo nas charges Os Empreendedores: uma análise discursiva. *Revista Katalysis*, Florianópolis, v.27, nº 1, 2024.

MOTA, Ilka de Oliveira. **Humorless Approach**: análise discursiva de quadrinhos de humor em livros didáticos de inglês como língua estrangeira. São Paulo, SP: Editora Appris, 2018.

NEVES, Ernesto. Eduardo Leite mudou quase 500 normas do Código Ambiental do RS. 10/05/2024. Veja. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/agenda-verde/eduardo-leite-alterou-mais-de-500-pontos-do-codigo-ambiental-do-rs-em-2019>. 10/05/2024. Acesso em 03 jun. 2024.

O GLOBO. **Rios transbordados no RS: nove de dez pontos de medição estão acima da cota de inundação**. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/brasil/sos-rio-grande-do-sul/noticia/2024/05/13/nivel-da-agua-esta-acima-da-cota-de-inundacao-em-nove-de-dez-rios-monitorados-pela-defesa-civil-do-rs.ghtml>. Acesso em: 22 nov. 2024.

OLIVEIRA, Antonia Danniele Jeska Torres de; SANTAELLA, Rodrigo. O neoliberalismo e sua influência na governança pública brasileira. *Revista Controle: doutrina e artigos*, Fortaleza, v. 21, n. 1, p. 105-135, jan./jun. 2023.

ONÇA, D. S. “Quando o Sol Brilha, eles fogem para a Sombra...”: A Ideologia do Aquecimento Global. Tese de Doutorado. Programa de Pós-graduação em Geografia Física – FFLCH – USP, 2011.

ORLANDI, Eni. **Análise de Discurso**: Princípios & Procedimentos. Campinas, Pontes, 1999.

ORLANDI, Eni. Dispositivos da interpretação. In: *Leitura e Interpretação*. Série Ler & Pensar, PROLER/ Casa da Leitura, 1995, p. 45-63.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. **Destruição e construção do sentido**: um estudo da ironia. Trabalho apresentado no colóquio do Dep. de Linguística do IEL, UNICAMP, Campinas, SP: 1983.

PÊCHEUX, Michel. As Massas Populares são um Objeto Inanimado? Trad. Suzy Lagazzi. In: ORLANDI, Eni. (org.) *Análise de Discurso – Michel Pêcheux*. Campinas: Pontes, p.251-273, 2011.

PÊCHEUX, M. O papel da memória. In: ACHARD, P. et al. O papel da memória. Campinas: Pontes, 1999.

PÊCHEUX, Michel. Ler o arquivo hoje. In: ORLANDI, Eni (org.). **Gestos de leitura, da história no discurso**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1994, p. 55-67.

PÊCHEUX, Michel. Delimitações, inversões, deslocamentos. Tradução: José Horta Nunes. Cadernos de Estudos Linguísticos, Campinas, n. 19, p. 7- 24, jul./dez. 1990.

PÊCHEUX, M. **O discurso**: estrutura ou acontecimento. Tradução de Eni Pulcinelli Orlandi. Campinas: Pontes, 1997. Edição original: 1983.

PIKETTY, Thomas. **O capital no século XXI**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2014.

Pontes, N. Por que sistema contra cheias não funcionou em Porto Alegre. G1. 2024 maio 18. Disponível em: <https://g1.globo.com/meio-ambiente/noticia/2024/05/18/por-que-sistema-contras-cheias-nao-funcionou-em-porto-alegre.html> Acesso em: 11 nov. 2024.

PORTAL DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL. Governador Eduardo Leite. Disponível em: <https://www.estado.rs.gov.br/governador>. Acesso em: 18 nov. 2024.

PROPOSTA DE GOVERNO. **Vamos Rio Grande, Eduardo Leite - 2018**. Disponível em: [https://divulgacandcontas.tse.jus.br/candidaturas/central/2018/BR/RS/2022802018/210000622367/proposta\\_1534355431161.pdf](https://divulgacandcontas.tse.jus.br/candidaturas/central/2018/BR/RS/2022802018/210000622367/proposta_1534355431161.pdf). Acesso em: 27 mai 2024.

RIO GRANDE DO SUL. Coordenadoria Estadual de Defesa Civil, Defesa Civil do Rio Grande do Sul. Avisos e Alertas em vigor. Porto Alegre: CEDF; 2024. Disponível em: <https://defesacivil.rs.gov.br/inicial>. Acesso em: 26 out. 2024.

RS tem 124 trechos bloqueados em rodovias, 191 mil pontos sem luz e 1 mil escolas afetadas; veja situação. G1. 07/05/2024b. Disponível em: <https://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2024/05/07/temporais-no-rs-confirma-situacao-das-estradas-energia-eletrica-agua-e-servicos-no-estado.ghtml>. Acesso em 28 ago. 2024.

SANDER, Isabella. Tragédia no Rio Grande do Sul foi intensificada por mudanças climáticas, confirma estudo. **GaúchaZH**. 10/05/2024. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/ambiente/noticia/2024/05/tragedia-no-rio-grande-do-sul-foi-intensificada-por-mudancas-climaticas-confirma-estudo-clw10tnux00pl0152sbqcgna.html>. Acesso em: 03 set. 2024.

SCHMIDLEHNER, Michael F. Os desdobramentos do capitalismo de desastre no Acre - a “adicionalidade do medo”. In: Contracorrente - para quem desafia o pensamento único. v. 5. p. 29 - 32, 2013. Disponível em: [contracorrente 2209.pdf](#). Acesso em: 01. Dez. 2024.

SEMA.RS.GOV. **Dados Gerais das Bacias Hidrográficas**. Disponível em: <https://www.sema.rs.gov.br/bacias-hidrograficas>. Acesso em: 22 nov. 2024.

SILVA, Fábio Coelho; BEHR, Klaus Ramalho. Mudanças climáticas: desastre ambiental. Rev. Gestão em Conhecimentos, v. 6, p. 1-12. 2021.

PREITE SOBRINHO, Wanderley. Chuvas no RS: enchentes dos últimos 11 meses mataram mais que em 20 anos. UOL. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2024/05/09/desastres-rio-grande-do-sul-clima-chuvas-enchentes-mortes.htm?cmpid=copiaecola>. Acesso em: 20 ago. 2024.

VERMELHO. Ao admitir que ignorou alertas sobre chuvas, Leite desnuda lógica neoliberal. Disponível em: <https://vermelho.org.br/2024/05/21/ao-admitir-que-ignorou-alertas-sobre-chuvas-leite-desnuda-logica-neoliberal/>. Acesso em: 22 nov. 2024.

WEEBLY. PROJETO RIO GRANDE TCHÊ. Disponível em: <https://projetoriograndetche.weebly.com/a-hidrografia-do-rs.html#:~:text=O%20Rio%20Grande%20tem%20o,na%20linha%20de%20limite%20com.> Acesso em: 4 dez. 2024.

## ANEXOS

# Tragédia provocada por chuvas torrenciais no Rio Grande do Sul gera repercussão internacional; veja

Caos, com 37 mortos e 74 desaparecidos até o momento, foi repercutida em jornais dos Estados Unidos, França, Espanha, Alemanha, Portugal e Argentina

Por O GLOBO — Rio de Janeiro

03/05/2024 15h26 · Atualizado há 7 meses



# O ESTADO DE S. PAULO

FUNDADO EM 1872  
JULIO MERQUITA (1884-1947)



Sexta-feira 3 de Maio de 2024 • R\$ 2,00 • Ano 142 • Nº 47883  
estadão.com.br



Cheia no Rio Taquari deixou submersa parte da cidade de Encantado, no centro do Rio Grande do Sul; iluminação pública resistiu

Eventos extremos ... A10 e A18

## Fenômeno climático raro causa calamidade no RS; inundação deve se agravar

— Chuva que matou dezenas resulta de uma conjunção de fatores, entre eles o El Niño e a onda de calor no Sudeste

Após qualificar o fenômeno das chuvas que deixaram 29 mortos e 60 desaparecidos — segundo balanço oficial de ontem — como “o maior desastre climático já enfrentado pelos gaúchos”, o governo do Rio Grande do Sul decretou calamidade pública no Estado. O Rio Taquari atingiu

**“Vivemos num novo clima, impossível de prever”**  
Paulo Artaxo, do painel sobre mudanças climáticas da ONU

seu maior nível e o problema foi potencializado pelo rompimento parcial de uma barragem. O Rio Guaíba transbor-

dou. Desde o início da semana, pelo menos 154 municípios gaúchos foram atingidos por temporais. O Rio Grande do Sul tem sofrido com uma série de eventos extremos nos últimos meses. Em setembro, pelo menos 41 pessoas morreram após a passagem de um ciclone pelo Estado. Especialistas ligam o maior número de

desastres, sobretudo ligados a picos de calor, às mudanças climáticas. A situação sem precedente tem relação com o calor histórico no Sudeste. A massa de ar quente que se estabeleceu na faixa central do País criou uma espécie de “prisão” para a chuva no Sul. Esse bloqueio se une a outros fatores, como o El Niño.

E&N Saneamento ... E5

### Vereadores de SP aprovam privatização da Sabesp em votação final

Aprovação era essencial para a desestatização. Entre os cerca de 370 municípios atendidos pela Sabesp, a cidade de SP responde por cerca de 50% da receita total da companhia.

### R\$ 3,1 bilhões

É a atual dívida da Prefeitura de São Paulo com a Sabesp

Estados Unidos ... A14

### Biden critica protestos violentos pró-palestinos em universidades

Presidente, em busca da ree-

leição, usou tom ameno. Seu apoio a Israel é alvo de progressistas e conservadores.

Judiciário ... A13

### Juizes de Rondônia receberam mais de R\$ 1 milhão bruto em fevereiro

Grupo de 46 magistrados recebeu, cada um, mais de R\$ 1 milhão bruto. Dez levaram, cada, R\$ 1 milhão líquido.

Notas e informações ... A3

### A imagem do fracasso

**Eliane Cantanhêde** ... A3  
Lula está fora da realidade

**Celso Ming** ... B7  
A economia agora e os riscos do futuro

Folha de S.Paulo

# FOLHA DE S.PAULO

DESDE 1921 ★★ ★ UM JORNAL EM DEFESA DA ENERGIA LIMPA



ANO 104 • Nº 34.729

SEXTA-FEIRA, 3 DE MAIO DE 2024

R\$ 6,90

## Demos poder demais para López Obrador, diz opositora

Ex-senadora Xóchitl Gálvez, candidata à Presidência do México por frente de oposição, propõe desmilitarizar a segurança pública, em país com altos índices de violência. "Demos ao presidente [López Obrador] ferramentas que não havíamos dado a nenhum outro", diz, em referência à permissão de usar o Exército no policiamento. Xóchitl está em 2º lugar nas pesquisas. **Mundo Atl**

**Ilustrada C1**  
Seinfeld lança novo filme e critica patrulha contra humor afiado

**Gala C10**  
Agenda musical de maio em São Paulo tem Simone, McFly, D2 e Zeca Pagodinho

**Saúde B6**  
Exame de sangue pode ajudar a prever risco de apneia obstrutiva do sono

## Temporais isolam cidades no RS; Lula promete verba

Mortos chegam a 29 e há 60 desaparecidos; presidente faz visita após três dias

Em um dos maiores desastres causados pelas chuvas, o Rio Grande do Sul contabiliza ontem 29 mortos e 60 desaparecidos, 15 mil fora de casa, 154 cidades afetadas, 60 rodovias com bloqueios, 330 mil imóveis sem luz e 542 mil sem água. Uma represa se rompeu na serra gaúcha e outras podem colapsar.

As condições do clima prejudicam o socorro por helicópteros a ilhados. Até ontem, 110 pessoas foram resgatadas, entre elas pacientes em hospitais de cidades isoladas. O governador Eduardo Leite (PSDB) decretou calamidade pública e fez um apelo para que moradores deixem áreas de risco.

Após três dias, o presidente Lula (PT) foi a Santa Maria com seis ministros e encontrou-se com Leite. Disse que "não permitirá que falte recurso para reparar os danos", mas não detalhou a ajuda financeira ao estado. As Forças Armadas enviaram 626 militares, e o estado recebeu ajuda de SP e de SC.

Segundo meteorologista, os temporais são "evento extraordinário", influenciados por El Niño e onda de calor no Sudeste e no Centro-Oeste, o que impede que a chuva deixe o sul. **Canal 50 em 22**

**Agro vê situação caótica, com grãos não colhidos e produção paralisada** ▶▶

**Brasileiro é suspeito de assassinato com espada em Londres**  
**Crédito 82**

**Lewandowski não consegue marca em 3 meses no governo**  
**Ministro Ricardo Lewan-**



**Maria Ressa:** Prêmio Nobel defende atuação do Brasil no G20 contra 'impunidade das big techs' **REDAÇÃO**

**O GLOBO**



Dirigida por **Marinho** (1976-1925) e **Roberto Marinho** (1904-2000)

10 DE JANEIRO, SÉTIMA-FEIRA, 3 DE MARÇO DE 2023, ANO LXXII - Nº 22.142 - PUBLICADA EM PORTO ALEGRE

**ENXURRADA NO SUL**

# Chuva afeta barragens, e RS manda evacuar áreas

Já são 29 mortos e 15 mil desalojados. Inundação ameaça Porto Alegre

A situação é cada vez mais crítica no Rio Grande do Sul, onde as chuvas que não dão tréguas já mataram 29 pessoas e deixaram 60 desaparecidos e 15 mil desalojados. Cinco barragens estão ameaçadas, e uma rompeu na Serra Gaúcha, levando à ordem de evacuação de áreas de risco em nove cidades. A Defesa Civil também deu ordem para que moradores

deixem suas casas em locais de perigo próximos ao Rio Guaiíba, que banha Porto Alegre e pode atingir a maior cheia desde 1941, subindo cinco metros. Em 160 pontos do estado há

**EDITORIAL**

**FALTA PLANEJAMENTO PARA ENFRENTAR A TRAGÉDIA DAS CHUVAS** **REDAÇÃO**

pessoas aguardando resgate. "A situação que estamos vivendo é absurdamente excepcional. É o momento mais crítico que o estado terá registro na sua História", afirmou o governador Eduardo Leite, que decretou estado de calamidade pública e recebeu em Santa Maria o presidente Lula, que prometeu assistência e recursos federais. **REDAÇÃO**

## Prefeitos pagam a assessores de senadores para liberar emendas

Profissionais do Piauí assediados por emendas dos senadores Ciro Nogueira (PP) e Marcelo Castro (MDB) recorreram a consultoria em nome de assessores dos dois parlamentares para ajudar a liberar verbas. Foram 114 contratos para elaboração de projetos e assistência técnica com 51 cidades desde 2018. Eles renderam à empresa R\$ 9,5 milhões, informa PATRICK CAMPOS. O assessor de Ciro deixou o gabinete em 2023, e o de Castro foi exonerado na semana passada. **REDAÇÃO**



**VERA MAGALHÃES**

**Disputa pública com Bolsonaro é uma cilada para Lula** **REDAÇÃO**

**JANAINA FIGUEIREDO**

**O papel de Brasil, EUA e Colômbia após a eleição venezuelana** **REDAÇÃO**

**FLÁVIA OLIVEIRA**

**Madonna e o Rio prova potência da cadeia produtiva da cultura** **REDAÇÃO**

**Aliquota do imposto**

# THE WALL STREET JOURNAL.

DOW JONES | *Market Center* \*\*\*\*\* MONDAY, MAY 6, 2024 - VOL. CCLXXXIII NO. 106 WSJ.com \*\*\*\*\* \$5.00

Last week: DJIA 38675.68 ▲ 436.82 1.14% NASDAQ 16154.33 ▲ 1.4% STOXX 600 505.53 ▼ 0.5% 10-YR. TREASURY ▲ 1 30/32, yield 4.898% OIL \$78.11 ▼ \$5.74 EURO \$1.0764 YEN 153.06

## What's News

### Business & Finance

◆ **Foreign bondholders**, including BlackRock and Pimco, plan to press Ukraine to start paying interest on its debt again as soon as next year, according to people familiar with the matter, after a grace period granted in the wake of Russia's invasion. **A1**

◆ **ABC News President** Kim Godwin stepped down, months after a corporate restructuring that effectively stripped away much of her management autonomy. **B1**

◆ **A new Boeing spacecraft** is set to carry astronauts for the first time this week in a major test of whether the much-delayed project is ready to handle NASA missions. **B1**

◆ **Boeing locked out** about 130 firefighters who work at its 737 factory and other operations in Washington state following a contract dispute between the company and the firefighters' union. **B3**

◆ **Former Starbucks boss** Howard Schultz said the coffee giant needs to renew its focus and own its shortcomings after the company delivered disappointing earnings results last week. **B1**

◆ **Sam Ash Music**, the instrument retailer that recently announced plans to close its stores, is looking for a buyer to keep the chain and its online retail presence going, CEO Richard Ash said. **B3**

## Flooding Strikes Brazil and Around the World



**EVACUATION:** People were rescued Sunday in Canoas, Brazil, as armed forces were deployed to the country's southern state of Rio Grande do Sul, struck by flooding. Record temperatures have triggered a surge in rainfall and floods worldwide. **A7**

## Group of Kyiv Creditors Plans To Seek a Restart of Payments

By **ALEXANDER SAGEBY**

Ukraine's lenders said Kyiv could wait to pay them back

mittee and hired lawyers at Weil Gotshal & Manges and bankers from PJT Partners to negotiate on its behalf.

Ukraine is preparing to start talks with the bondholders this month, and Kyiv's advisers are working to get the U.S. and

could default after the bondholder-debt holiday ends in August, tarnishing its reputation with investors and complicating

## Xi Arrives In Europe As Global Tensions Intensify

Macron is expected to press China's president on trade, the war in Ukraine

Chinese leader Xi Jinping's first visit to Europe in nearly five years is shaping up as a test of the continent's willingness to confront Beijing over its support of Russia's inva-

By **Noemie Blasserbo** in Paris, **Laurence Norman** in Berlin and **Austin Ranzy** in Hong Kong

sion of Ukraine as well as Chinese trade policies that have evoked criticism from European industries.

European leaders tend to tread lightly with Beijing, not wanting to jeopardize ties with a major trade partner. But President Emmanuel Macron of France, who is set to meet with Xi on Monday on the first leg of the six-day trip, has cast the Ukraine war and China's trade practices as an existential threat to Europe. Xi arrived in France on Sunday.

China has served as an economic lifeline to Russia since the start of the war, providing